UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A HORA DO CONTO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: MOMENTO PRIVILEGIADO DE ANIMAÇÃO

Relatório Final de Estágio

MESTRADO EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

Karina Machado

VILA REAL, 2012

UNIVERSIDADE DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

A HORA DO CONTO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: MOMENTO PRIVILEGIADO DE ANIMAÇÃO

Relatório Final de Estágio

Karina Machado

Trabalho realizado sob orientação da

Professora Doutora Maria José dos Santos Cunha

Relatório Final, correspondente ao Estágio de natureza Profissional/Prática de Ensino supervisionado, elaborado para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-escolar, de acordo com o Decreto-Lei Nº 74/2006 de 24 de Março e Nº 43/2007 de 22 de Fevereiro.

VILA REAL, 2012

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Professora Doutora Maria José dos Santos Cunha, pela orientação, conselhos e sugestões. Agradeço igualmente a sua preocupação e incentivo.

Agradeço à Educadora de Infância Virgínia de Sousa, pela forma que me orientou durante este percurso de estágio, transmitindo-me sempre o seu conhecimento e prática profissional, assim como às crianças por me acolherem com muito carinho.

A todos os professores do Departamento de Educação e Psicologia da UTAD, que ao longo destes anos estiveram presentes na minha formação teórica e me prepararam para o novo desafio profissional como Educadora de Infância.

A todos os funcionários do CIFOP, que sempre me auxiliaram e apoiaram o meu trabalho.

À minha família, sobretudo aos meus pais, sem os quais a realização de toda a minha formação teria sido impossível.

Às minhas amigas que tiveram sempre comigo nos melhores e piores momentos durante o meu percurso académico, agradeço pelas oportunas manifestações de companheirismo e de encorajamento.

A todos o meu profundo agradecimento.

RESUMO

A primeira infância é uma etapa fundamental para o desenvolvimento da criança. É nela que constrói as bases do seu futuro, os alicerces da sua personalidade e tem os primeiros contactos com o mundo exterior e com a sociedade. Assim, a Educação Pré-Escolar e o Educador de Infância podem ser muito relevantes para a educação da criança.

Este trabalho de investigação que denominamos de "A hora do conto no âmbito da educação pré-escolar: momento privilegiado de animação", pretende mostrar a importância da hora do conto no jardim-de-infância, pois as histórias infantis são arte, sonho, criatividade e imaginação que favorece a livre expressão. Exploram sentimentos, hábitos, atitudes e a cooperação na formação de conceitos, ampliam-se os saberes de maneira lúdica e prazerosa.

O objetivo primordial deste relatório é expor as vantagens de incluir no jardim-de-infância a hora do conto, motivando para a leitura, privilegiando o momento de animação.

ABSTRACT

Early childhood is a critical step in the development of the child. It is there that the child builds the foundation of his future, the foundations of his personality and has the first contact with the outside world and society. Thus, the Pre-School and kindergarten teacher are important for the child`s education.

This research work that we call "The story time in the preschool: privileged moment of animation," aims to show the importance of the garden story time for children because children's stories are art, dreams, creativity and imagination that fosters free expression. Explore feelings, habits, attitudes and cooperation in the formation of concepts, to expand the knowledge of a playful and enjoyable.

The primary objective of this report is to demonstrate the benefits of including in the garden for children to story time, motivating to read, privileging the moment of animation.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO……...…...8

1. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR…….9

1.1. Modelos curriculares para a educação de infância**.....**11

1.2. A prática educativa da educadora cooperante no âmbito dos Modelos curriculares……..…….....17

1.3. A Lei-Quadro da educação pré-escolar e seus objetivos……..……..…….....19

1.4. As áreas de conteúdo da educação

Pré-escolar……..…….**.....**19

2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO…….**...**22

2.1. A integração no contexto do estágio: a problemática

da investigação/intervenção……..**.....**…..23

2.2. Descrição do contexto de estágio: integração na Instituição, caraterização do meio, do jardim-de-infância

e da sala de estágio…….**.....**25

2.3. Caraterização do grupo de estágio: diagnóstico de necessidades, motivações e expetativas…….....37

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DO ESTÁGIO…….**.....**42

3.1. A importância da hora do conto na formação da criança em idade pré-escolar……..**..**42

3.2. Representar/dramatizar contos: momentos privilegiados de animação educativa de forte significado para a criança…….....45

3.3. O papel do educador no ato de preparar e contar histórias…….....48

4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO…….....51

4.1. Os objetivos da intervenção…….....51

4.2. Recursos mobilizados e limitações do processo…….…….…....52

4.3 Descrição, discussão e avaliação das práticas educativas realizadas no âmbito do estágio……..……...….....54

4.4 Avaliação das aprendizagens realizadas……..60

CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....66

BIBLIOGRAFIA………..…….…..…65

APÊNDICES …….…….....69

INDICE DE APÊNDICES

APÊNDICE 1- planificação e avaliação da atividade “ o sapo apaixonado”
APÊNDICE 2- planificação e avaliação da atividade “ a chegada da primavera”
APÊNDICE 3- planificação e avaliação da atividade “o rato dentolas”

INTRODUÇÃO

O relatório final da prática pedagógica que agora apresentamos e que será objeto de ato público de defesa reflete o percurso de formação seguido, a atitude crítica e reflexiva em relação aos desafios, processos e desempenhos do quotidiano profissional experienciado. Este percurso corresponde a um estágio de natureza profissional/prática de ensino supervisionado, elaborado para a aquisição de grau de mestre em Ensino – Educação Pré-Escolar e confere habilitação profissional para a docência.

O presente relatório dá assim a conhecer toda a nossa prática pedagógica que realizámos individualmente numa instituição de rede pública, no período que decorreu de outubro de 2011 até março de 2012.

O grupo com que trabalhámos era constituído por 20 crianças, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos, sendo heterogéneo quanto à idade e ao sexo.

O relatório inicia-se com uma introdução e nele se caracteriza o contexto onde se realizou o estágio, incluindo o meio envolvente onde a instituição está inserida e a sua organização bem como caracterização da sala de estágio. Nele se expõe a atividade educativa em jardim-de-infância e uma análise e enquadramento global das Orientações Curriculares na Educação Pré-Escolar, estendendo-se com outros documentos de suporte teórico, orientadores da atividade educativa que mediam os conceitos de currículo e modelos curriculares. Neste documento é revelado ainda o período de observação e de responsabilização, a prática da Educadora cooperante e o modelo pedagógico seguido pela mesma. Contudo, o corpo do trabalho descreve o desenvolvimento da atividade educativa, apresentando em anexo alguma documentação relativa ao período de estágio. O trabalho de investigação que denominámos de: "A hora do conto no âmbito da educação pré-escolar: momento privilegiado da animação" pretende dar conta da importância desta pratica na primeira etapa da aprendizagem escolar, e de como este é um momento privilegiado de animação educativa de forte significado para a criança, para além de com ele se tentar compreender o papel do educador no ato de preparar e contar histórias.

1. O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO PRÉ- ESCOLAR

Considerada como a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida na educação pré-escolar não existem conteúdos programáticos, nem currículo, mas sim, a construção de um currículo próprio, de acordo com as *Orientações Curriculares*, tendo em conta as áreas de conteúdo, face à situação específica de cada turma, podendo considerar-se que o currículo é o corpo das aprendizagens socialmente reconhecidas como necessárias, sejam elas de natureza científica, pragmática, humanista, cívica, interpessoal ou outra.

O conceito de currículo é considerado um ponto de apoio à ação educativa dos educadores, sendo o conjunto das aprendizagens propostas e realizadas, tendo em vista alcançar as finalidades de um plano de formação. No dizer de Sacristián (1998:34),"o currículo é uma opção cultural, o projeto que quer tornar-se na cultura conteúdo do sistema educativo para um nível escolar ou para uma escola de forma concreta". Spodek e Saracho (1998:86) definem-no como "as experiências organizadas de forma a oferecer oportunidades formais e informais de aprendizado para crianças em um ambiente escolar", podendo de igual forma, ser considerado como aquilo que é objeto de transmissão ou objeto de aprendizagem deliberada, ou mesmo o conjunto de atividades intencionalmente planificadas pelo Educador ou Professor para que as crianças realizem as aprendizagens necessárias para o seu desenvolvimento como pessoas. O fundamental é que o currículo contribua para a consolidação de competências indispensáveis à vida pessoal e social, quer pela sua eficácia, como por exemplo, competências orientadas para a resolução de problemas ou para a tomada de decisões fundamentadas, quer pelo enriquecimento pessoal, ou na interação com os outros.

Segundo Spodek e Saracho, o "currículo é as experiências organizadas de aprendizagens propícias às crianças nas escolas" (1998: 86), sendo o educador um interlocutor direto, responsável pela gestão de currículo capaz de desenvolver uma pedagogia integrada, estruturada, intencional e sistematicamente contextualiza e avaliada, que faz do currículo todo um conjunto de ações desenvolvidas pela escola no sentido de promover oportunidades para a aprendizagem.

De acordo com o Dec. Lei nº 241/01 de 30 de Agosto, no seu anexo nº 1, ponto II, está definido o modo como cada educador de infância "concebe e desenvolve o

respetivo currículo, através de planificação, organização e avaliação do ambiente educativo". Assim, ele "organiza o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos para o desenvolvimento curricular, de modo a proporcionar às crianças experiências educativas diversificadas; disponibiliza e utiliza materiais estimulantes".

A planificação por parte dos educadores é extremamente importante, já que é dela que constam todas as atividades que irão ajudar na aprendizagem das crianças.

> Planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é a condição para a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades" (Ministério da Educação, 2009: 26).

A circular do Ministério da Educação acerca da gestão do currículo na educação (circular nº 17/DSDS/DEPEB/2007) prescreve outra conceção acerca de currículo, ao estabelecer que a educação pré-escolar deve organizar-se como um ambiente facilitador de desenvolvimento de aprendizagem, bem como de organização do grupo, do espaço e do tempo. Razões que levam a que a organização do ambiente educativo se constitua como o suporte do trabalho curricular do educador.

Cada educador tem a função de organizar um processo individual da criança, que relate de forma sistemática o seu percurso educativos, articulando as várias etapas do percurso educativo, apresentando, mais tarde, este documento na transição da criança para o 1º ciclo. O diálogo e a colaboração entre educadores e professores do 1ºciclo segundo a referida circular "facilitam a transição e uma atitude positiva da criança face à escolaridade obrigatória" (Ministério da Educação, 2009: 91).

Na construção de currículo, define-se orientações globais que apoiam a prática pedagógica de cada educador, adaptando-se aos diferentes contextos educativos, criando condições para o sucesso da aprendizagem de todas as crianças, desenvolvendo assim todas as suas competências permitindo que cada criança reconheça as suas possibilidades e progressos. Por tudo isto e na ótica de Sacristán (1998:50), o currículo, para além de ser um conglomerado cultural organizado de forma peculiar que permite análises desde múltiplos pontos de vista, cria toda uma atividade social, política e técnica variada, o que lhe confere um sentido particular.

1.1. MODELOS CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA

Os modelos curriculares funcionam como base para o processo de tomada de decisões, sendo que a utilização de um modelo pedagógico na educação-pré escolar é um fator indispensável para sustentar uma prática pedagógica significativa.

Segundo Oliveira-Formosinho estes modelos,

> (…) incorporam uma visão integradora dos fins da educação e das fontes do currículo, dos objetivos e dos métodos escolares, dos métodos e da organização do espaço e do tempo escolares. Consubstanciando uma visão sistemática da educação, são um poderoso instrumento de mediação da teoria e da prática (2007: 11).

A mesma autora é ainda de opinião que, "o modelo curricular é um importante andaime para apoiar o professor na procura de um quotidiano com intencionalidade educacional onde as crianças se envolvam, persistam, aprendam e desenvolvam um "habitus" para aprender". (Oliveira-Formosinho 2007: 34) enquanto, que Spodek e Brown (1996: 15) consideram que ele "é uma representação ideal de premissas teóricas, políticas administrativas e componentes pedagógicas de um programa destinado a obter um determinado resultado educativo".

A adoção de um modelo pedagógico pelas educadoras de infância é, na opinião de Oliveira-Formosinho (2007: 40), "um fator de sustentação da sua praxis", porém um determinado modelo não implica necessariamente uma uniformização de práticas, mas antes autoriza a sua diversidade permitindo opções para processos com intencionalidade educativa.

No Jardim-de-infância, são vários os modelos curriculares que podem enformar as práticas educativas entre eles referimos o modelo High-Scope, o Movimento Escola Moderna (MEM), o modelo de Reggio Emília, o modelo de Maria Montessori e o modelo João de Deus.

O modelo "High-Scope" é um modelo curricular para a Educação de infância criado por David Weikart presidente da Fundação de Investigação Educacional High-Scope em 1960.

Após ter trabalhado como psicólogo numa escola, nos finais da década de 50, no atendimento de crianças com necessidades educativas especiais, percebeu que estas necessitavam de uma preparação mais eficaz para a sua entrada na escola. Nasce

assim, o Ypsilanti Perry Pre-School Project em 1962, tendo como principal preocupação a igualdade de oportunidades educacionais, centrando-se na questão do desenvolvimento intelectual.

Mais tarde percebeu-se que este insucesso estava relacionado com uma preparação escolar inadequada, que os alunos haviam vivido durante o ensino primário. Concluiu-se assim que seria mais adequado e eficaz, se este modelo curricular, inicialmente conhecido como High Scope Perry Preschool Project, fosse aplicado a partir dos 3 anos de idade.

O projeto escolar High Scope tem como base a crença na atividade da criança como central para a ação educativa, ou seja, acredita que as vivências do dia-a-dia da criança são muito importantes se dai se tirar algum significado através da reflexão.

No início da década de 60, surge nos EUA um forte interesse em Piaget que veio a influenciar o currículo High-Scope e levou a que se organizasse o programa em torno da preparação de tarefas que permitam "acelerar" o desenvolvimento da criança.

Um dos princípios básicos deste modelo é a aprendizagem pela ação, onde as crianças pequenas constroem o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo. O poder da aprendizagem ativa vem da iniciativa pessoal. As crianças agem no seu desejo inato de explorar. Colocam as suas questões e ideais que lhes provocam curiosidade e procuram as respostas. Resolvem problemas que interferem com os seus objetivos, e criam novas estratégias para porem em prática.

O papel do adulto é basicamente o de criar situações que desafiem o pensamento atual da criança, e assim provocar o conflito cognitivo. Com a colaboração do adulto, a criança por si renova o empenhamento ativo e individual com a situação ou com o problema.

A aprendizagem ativa que o currículo High Scope tanto salienta, depende inequivocamente da interação positiva entre os adultos e as crianças. Os adultos devem apoiar as conversas e brincadeiras das crianças, ouvi-las com atenção e fazerem os comentários e observações que considerem pertinentes. Desta forma, a criança sentir-se-á confiante e com liberdade para manifestar os seus pensamentos e sentimentos. Não estivesse esta estrutura curricular

> (…) toda pensada para realizar esta grande finalidade piagetiana: a construção da autonomia intelectual da criança. Isto é verdade para a sua filosofia educacional, para a sua conceção de espaços e materiais, para a sua rotina diária e experiências-chave, para a sua

> conceção do papel do adulto e, finalmente, para o seu triângulo: observação, planificação, avaliação." (Oliveira-Formosinho, 2007: 64).

Por seu lado, o "MEM" é um modelo pedagógico que assenta numa prática democrática da gestão das atividades, dos materiais, do tempo e do espaço e pretende, através da ação dos educadores que dele fazem parte, proporcionar uma vivência democrática e um desenvolvimento pessoal e social das crianças garantindo a sua participação na gestão da vida da sala e da escola. Para os docentes este modelo define-se segundo Oliveira-Formosinho (2007: 127),

> (…) como um espaço de iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. Nela, os educandos deverão criar com os seus educadores as condições materiais, afetivas e sociais para que, em comum, possam organizar um ambiente institucional capaz de ajudar cada uma a apropriar-se dos seus conhecimentos, dos processos e dos valores morais e estéticos gerados pela humanidade no seu percurso histórico-cultural.

A ação educativa deste modelo pressupõe um espaço educativo organizado em função dos conceitos de ensino – aprendizagem que defende e os instrumentos que os operacionalizam.

O espaço está organizado de modo a permitir que os alunos realizem ao mesmo tempo atividades diversificadas em diferentes modalidades de trabalho: em pequenos grupos, interpares, individualmente e em coletivo, e em diferentes áreas básicas como o espaço da biblioteca, oficina da escrita e reprodução, num espaço de laboratório de ciências e experiencias, expressões artísticas, e ainda, um espaço de brinquedos, jogos e "faz de conta", aproximando-se o mais possível dos espaços sociais originais.

A sua gestão é apoiada por instrumentos de pilotagem, registo e avaliação, tais como: mapa de presenças, mapa de atividades, mapa de tarefas, comunicações, plano semanal, lista de projetos e o diário de parede, com o intuito de criar um ambiente altamente estimulante para a criança.

O modelo de trabalho "requer uma forte articulação com as famílias, os vizinhos e as organizações da comunidade para que os vários dos seus elementos se assumam conscientemente como fonte de conhecimento e de formação para o jardim-de-infância" (Oliveira-Formosinho, 2007: 140).

O modelo "Reggio Emília" é um modelo curricular para o Jardim-de-Infância, criado após a II Guerra Mundial. Perante o rasto de fome e destruição deixado pela

guerra, os cidadãos de Reggio Emilia, uma cidade italiana, uniram-se, para construir uma escola na tentativa de melhorar a vida das gerações futuras.

Num verdadeiro sentido de coletividade e união, nasce a primeira escola, que viria a ser conhecida como um dos modelos pedagógicos de educação de infância de maior qualidade em todo o mundo, o modelo Reggio Emilia.

O professor Loris Malaguzzi, jornalista na época, foi verificar esta história e empolgou-se com esta iniciativa e ao envolver-se no projeto, inicia um trabalho em equipa com o propósito de conhecer e entender as crianças. Um dos pilares do modelo

> (…) é o sentimento e a vivência de comunidade educativa, onde os professores e as famílias constituem uma equipa de trabalho, cooperando e colaborando para conseguir um atendimento de melhor qualidade para as crianças. A aprendizagem processa-se de forma bilateral e reciproca entre as crianças, professores e famílias, em que todos aprendem com todos (Oliveira Formosinho, 2007: 95).

A proposta central deste modelo consiste em desenvolver as cem linguagens da criança, criando uma constante rede de comunicação entre as crianças, e entre estas e os educadores, que têm de tentar levá-las a que sejam protagonistas ativas e competentes. O seu papel é acima de tudo, o de ouvinte e observador e baseando-se numa pedagogia de escuta, vão registando as falas das crianças que se tornam parte da documentação dos projetos, relatórios e diários.

As crianças permanecem com a mesma educadora durante três anos o que permite um relacionamento forte e estável. O espaço é visto como algo que educa a criança, pelo que deve ser flexível e adaptado às suas necessidades. A organização do espaço favorece a interação social, a exploração, a aprendizagem e também se apresenta como um conteúdo educacional, isto é, contem mensagens educacionais que estão carregadas de estímulos. O espaço exterior é organizado e planeado de forma, a ser uma extensão do trabalho que realizam no interior, respeitando as características naturais da natureza. Os materiais escolhidos pelos adultos, são cuidadosamente escolhidos de acordo com o contexto cultural da comunidade onde as escolas estão inseridas, criando um ambiente agradável e familiar, onde as crianças, os professores e os pais se sintam como em casa.

Nos inícios do século XX, ou até mesmo um pouco antes, começou a estudar-se melhor a criança, e estas novas conceções, baseadas na forma como as crianças aprendem e se desenvolvem, vieram apoiar o currículo da primeira infância. O método

de Maria Montessori, teve um grande impacto neste período. As conceções deste programa eram sobre o desenvolvimento, mas eram mais influenciadas pela antropologia do que pela psicologia do desenvolvimento, baseavam-se na defesa do potencial criativo da criança, conjugando o desenvolvimento biológico e mental com ênfase no treinamento da motricidade fina necessária à realização de tarefas como a escrita.

Montessori foi das primeiras mulheres a formar-se em medicina, durante o seu internato na clínica pediatra da Universidade de Roma, começou a trabalhar com crianças com deficiências mentais, despertando-lhe assim o interesse pela educação infantil. Criou a sua escola, "Casa dei Bambini" em 1907, num bairro operário em Roma e nela começou a aplicar o mesmo método de trabalho que aplicava com os seus pacientes. Foi pioneira deste tipo de trabalho, que seguia a linha de anteriores filósofos e educadores como Pestalozzi, Froebel, Rousseau, Itard e Seguin.

Pelas suas convicções e também pela formação religiosa que recebeu durante a sua infância, tinha um verdadeiro culto pela criança e acreditava na bondade da sua natureza e nas suas capacidades. Por esse facto defendia que o mais importante é criar um ambiente favorável ao seu livre desenvolvimento, sendo esta pedra angular do seu pensamento pedagógico, que está na origem dos materiais didáticos que fizeram a sua fama, designadamente mobiliário à altura e à medida das crianças. Nesta conceção, o aluno é o centro de todas as atividades, com estímulo para ser responsável, livre, e emocionalmente equilibrado na sociedade em que vive.

Desenvolveu inúmeros materiais e atividades para treinar os sentidos. Para além disto, o currículo para a primeira infância de Maria Montessori contemplava também a leitura e a escrita, o estudo da natureza, a jardinagem, a aritmética, a geografia e a prática de exercício da vida prática, como lavar-se, vestir-se, levantar a mesa, ou sejam, atividades que ajudassem as crianças a desenvolver a sua autonomia e assim tal como salienta Silva (1995: 4), "valorizava a importância das experiências primeiras no desenvolvimento posterior da criança, bem como o papel da estimulação precoce e dos ambientes ricos face às privações socioculturais".

A pedagogia de Montessori insere-se no Movimento das Escolas Novas, uma oposição aos métodos tradicionais que não respeitavam as necessidades e mecanismos evolutivos do desenvolvimento da criança. O ambiente educativo é o esteticamente belo, promovendo a liberdade e respeito pela criança. Assim alguns materiais sólidos foram criados para ajudar no desenvolvimento motor e na autonomia das crianças tais

como: blocos de cilindro, a torre cor-de-rosa; a torre castanha; exercícios de tato e quadros para enlaçar, bem como mobília apropriada à sua estrutura o que permitia que aprendessem de livre vontade, desempenhando o educador o papel de observador.

Referimos, por último, o método de João de Deus, que tem uma longa tradição na Educação de Infância em Portugal e que nasceu com as ideias pedagógicas do poeta João de Deus (1830/1896), que em 1876 publicou a célebre Cartilha Maternal, que rapidamente se expandiu como método de iniciação à leitura.

A Cartilha Maternal é um dos recursos utilizados no processo aprendizagem/formação, cartão-de-visita deste modelo educativo, que promove um interesse e envolvimento na descoberta da leitura, no sentido restrito da descodificação como no sentido mais amplo da compreensão.

Em 1911, após uma viagem pela Europa para ver jardins-de-infância a funcionar e contactar com métodos de ensino inovadores João de Deus Ramos cria em Coimbra o 1ºJardim Escola João de Deus com um novo modelo de educação adaptado à realidade portuguesa.

Todos os jardins-de-infância de João de Deus tem como objetivo a autonomia, neles se fomentando um crescimento pessoal e social que permita às crianças enfrentarem desafios e mudanças que lhes surjam no presente e no futuro. De um modo quase sistemático a Área de Formação Pessoal e Social é trabalhada, E como área transversal que é a todas as outras áreas, é trabalhada pela educadora com as crianças constantemente.

Defende-se um ambiente de equilibradas relações humanas, privilegiando-se a prática de disciplina ativa com a exclusão de prémios e castigos.

As crianças do Jardim-Escola são acompanhadas pela educadora, que é a referência pela função primordial que desempenha e pelo ambiente que proporciona na sala de aula, dado quede uma forma permanente orientar o dia das crianças, ao transmitir-lhes segurança e confiança. É objetivo no seu planeamento de trabalho valorizar, desenvolver e avaliar o desempenho das suas crianças de forma diversificada, onde as relações afetivas e os estímulos positivos são presença constante. A avaliação elaborada pelos educadores tem assim em conta a individualidade de cada criança e a programação efetuada.

> O espaço destes jardins-escola era comparado às casas portuguesas, em que eram baixas, as salas amplas e cheias de luz, com um jardim a cercá-las. A decoração da casa era sóbria, o

> mobiliário escolar rígido, sendo as carteiras de dois lugares, com amplas mesas, baixas e com assentos coletivos. Quanto aos armários, estes eram colocados ao longo das paredes. (Montenegro, 1963: 126).

Uma das prioridades é criar um bom ambiente físico e humano com decoração simples, mas com a arte. Para além destes objetivos está subjacente ao Modelo Pedagógico João de Deus, desenvolver valores, promover o brincar, estimular a iniciativa e a criatividade, favorecer um trabalho de interação, despertar o espírito de tolerância e liderança.

1.2. A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCADORA COOPERANTE NO ÂMBITO DOS MODELOS CURRICULARES

O modelo de referência da Educadora onde decorreu o nosso estágio é o Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa (MEM). Os instrumentos de trabalho deste modelo facilitam as aprendizagens das crianças, além de ajudarem na organização das atividades e sua avaliação. Segundo Niza (2007: 135-136),

> Este modelo pedagógico tem como princípios orientadores a democracia participada, a educação inclusiva e o trabalho cooperativo. Assim, tem como principal objetivo estimular a curiosidade da criança e promover a sua autonomia, ajudando-a no seu processo de formação como individuo e cidadão, desenvolvendo competências de saber aprender, saber fazer e saber ser.

A decoração da sala, não deixava dúvidas quanto ao modelo que estava a ser implementado. Todas as paredes e tetos eram cobertos por trabalhos das crianças. Nos placares permaneciam os instrumentos de pilotagem e gestão de grupo pertencentes a este modelo, o que ia ao encontro de Oliveira-Formosinho quando refere,

> O ambiente geral da sala deve resultar agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças onde rotativamente se reveem nas suas obras de desenho, pintura, tapeçaria ou texto. Será também numa das paredes (…) à sua altura, que as crianças poderão encontrar todo o conjunto de mapas de registo que ajudem a planificação, gestão e avaliação da atividade educativa participada por elas (2007: 133).

As características do MEM estavam bastante evidentes na sala, desde a organização do tempo ao longo da semana, a acessibilidade dos materiais para as crianças, a afixação dos trabalhos nas paredes, a forma como o espaço estava organizado, o planificar do dia e o avaliar da planificação da semana anterior com as crianças, os instrumentos de pilotagem e gestão existentes, assim como a distribuição das atividades no tempo.

O dia organizava-se em duas etapas distintas, a parte da manhã centrada fundamentalmente no trabalho ou na atividade eleita pela criança com uma pausa para o lanche da manhã, na parte da tarde revestia a forma de sessões plenárias de informação e de atividade cultural, dinamizadas por convidados, pelos alunos ou pelos educadores. No entanto, se entendesse ser necessário e de acordo com a realidade, a educadora tornava a sua metodologia flexível, mesmo pertencendo ao modelo curricular da escola moderna.

A constituição do grupo de crianças abrangia níveis etários diferentes, onde os mais velhos auxiliavam os mais novos. Melhorava-se, assim, o respeito pelas diferenças individuais na ação de entreajuda pressupondo o enriquecimento cognitivo e sociocultural.

Todas as segundas feiras eram feitas as reuniões de conselho, onde se avaliavam as responsabilidades assumidas semanalmente, assim como a avaliação do diário de grupo, do mapa do tempo do chefe da semana e a sua reeleição., uma vez que segundo Teresa Vasconcelos (2000: 41) "a Mesa Grande é o espaço de encontro, de negociação, de trocas verbais (…) É lá que (…) se fazem discussões de fundo em grande grupo, onde se negoceiam problemas e se tomam decisões".

No fundo, deu para observar que o modelo educativo, adotado pela educadora (MEM), dá ênfase ao desenvolvimento de projetos de pesquisa diversificados no trabalho educativo, assim como à livre expressão da criança para a realização do seu trabalho provocando interação entre todos, e à sua individualidade criando assim uma estrutura organizada, uma rotina educativa, proporcionando uma segurança indispensável para o investimento cognitivo da criança.

1.3. A LEI- QUADRO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E SEUS OBJETIVOS

A Lei-Quadro (lei nº5/97, de 10 de Fevereiro) define que "a educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida." (Ministério da Educação 2009: 17). De acordo com o Ministério da Educação nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar o pré-escolar é um complemento, " (…) da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário" (2009: 15). Durante esta etapa é necessário que se criem condições para a criança aprender, assim sendo, é fulcral que o acesso à escola seja uma igualdade de oportunidades. Com essa finalidade, e segundo o artigo 5º desta lei, pertence ao Estado a responsabilidade de criar uma rede pública de pré-escolar, oferecendo serviços de acordo com as necessidades de todos, de forma a proporcionar sucesso ao sistema educativo, já que capacita a criança de condições para abordar com sucesso a etapa seguinte.

Para que a educação pré-escolar possa contribuir para uma maior igualdade de oportunidades, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, um conjunto de princípios que apoiam o educador nas decisões, em relação às práticas letivas, de modo que conduza com sucesso todo o processo de ensino – aprendizagem e que não são consideradas coimo um programa, porque não têm um carácter obrigatório vinculativo, dão importância a uma pedagogia estruturada na qual o educador deve planear o seu trabalho e avaliar o processo e seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagens das crianças. No entanto, "adotar uma pedagogia organizada e estruturada não significa introduzir na educação pré-escolar certas práticas "tradicionais" sem sentido para as crianças" (Ministério da Educação, 2009:18), deve antes basear-se no prazer de aprender, e em dominar determinadas competências, assumindo a criança um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem.

1.4. AS ÁREAS DE CONTEÚDO DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR

As Orientações Curriculares apresentam segundo o Ministério da Educação áreas de conteúdo a serem trabalhadas de forma integrada na educação pré-escolar as

quais "deverão ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanques a serem abordados separadamente" (2009: 48).

Área, "é um termo habitual na educação pré-escolar para designar formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiencias proporcionadas às crianças (Ministério da Educação 2009: 47)". É nas áreas de conteúdo "âmbitos do saber, com uma estrutura própria e com pertinência sociocultural, que incluem diferentes tipos de aprendizagem, não apenas conhecimentos mas também atitudes saber-fazer" (Ministério da Educação 2009: 47) e são comuns a todos os graus de ensino, que se manifesta o desenvolvimento humano ao longo da vida e que na educação pré-escolar designam formas de pensar e organizar a intervenção do educador e as experiências proporcionadas às crianças e com as quais se pretende contribuir para promover uma melhoria da qualidade da Educação Pré-Escolar.

As diferentes áreas de conteúdo partem do nível de desenvolvimento da criança, mas encara-a como sujeito da sua própria aprendizagem para aceder a uma cultura que se pode designar como cultura "escolar". Estas áreas devem ser consideradas como referências a ter em conta no planeamento e avaliação de experiências e oportunidades educativas e não como compartimentos estanque.

As áreas de conteúdo são três: formação pessoal e social, expressão/comunicação; conhecimento do mundo.

Área de Formação Pessoal e Social

Área que corresponde a um processo que deverá favorecer, de acordo com as fases de desenvolvimento, a aquisição de espírito crítico, interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívico e que é transversal já que "todas as componentes curriculares contribuem para promover nas crianças atitudes e valores que lhes permitem tornarem-se cidadãos conscientes e solidários, para que sejam capazes de resolver os problemas da vida" (Ministério da Educação 2009: 51) completa todas as outras, pois direciona-se para a forma como as crianças se relacionam consigo mesma, com os outros e com o mundo.

Área de Expressão e Comunicação

A área de Expressão e Comunicação engloba as aprendizagens relacionadas com o desenvolvimento psicomotor e simbólico que determinam a compreensão e a progressivo domínio de diferentes formas de linguagem.

Esta é a única área que distingue vários domínios intimamente relacionados, por facilitarem a aquisição e a aprendizagem de códigos, que são meios de relação com os outros, de recolha de informação e de sensibilização estética.

A área de expressão e comunicação tem como finalidade promover condições para que as crianças adquiram a capacidade de exprimir as suas ideias e opiniões através de diversos tipos de mensagens, desenvolvendo a linguagem simbólica. Concretiza-se através das expressões:

1. Motora
2. Dramática
3. Plástica
4. Musical
5. Linguagem oral/escrita
6. Matemática

Na expressão motora englobam-se todas as aquisições de conhecimento e uso do seu corpo, realizam-se experiências que permitem o desenvolvimento da motricidade global e fina.

"A expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações socias." (Ministério da Educação 2009:57)

Este é o domínio em que a criança manifesta e resolve conflitos ou inadaptações latentes através do jogo simbólico também denominado jogo de faz de conta.

A expressão plástica envolve pintura, desenho, colagem e, através da manipulação dos diferentes tipos de objetos, o desenvolvimento do imaginário. É também uma forma de familiarização com diferentes símbolos, incluindo a escrita. O facto de o Educador escrever o que a criança está a expressar, faz com que a esta perceba a funcionalidade da escrita.

A expressão musical assenta na exploração de sons e ritmos que a criança produz e explora.

Na prática diária de atividades como: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

No contacto com diversos instrumentos musicais, pressupõe que a criança saiba fazer silêncio para poder escutar e identificar sons, como parte essencial da educação musical.

O domínio da linguagem oral e abordagem à escrita tem tido uma importância fundamental na Educação Pré-Escolar, já que se pensa que "é indiscutível que a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar" (Ministério da Educação, 2009: 65).

A abordagem à escrita pretende acentuar a importância de tirar partido do que a criança já sabe, permitindo-lhe contactar com as diferentes funções do código escrito.

Esta abordagem à escrita deve situar-se numa perspetiva de literacia enquanto competência global para a leitura no sentido de interpretação e tratamento da informação.

No domínio da matemática as crianças vão espontaneamente construindo noções, que se fundamentam na vivência do espaço e do tempo, tendo como ponto de partida as suas atividades espontâneas e lúdicas, a partir das vivências do dia-a-dia.

"Cabe ao educador partir das situações do quotidiano, apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico matemático, internacionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas. A construção de noções matemáticas fundamenta-se na vivência do espaço e do tempo". (Ministério da Educação 2009:67)

Área do conhecimento do mundo

A área do conhecimento do mundo é importante para a socialização e integração da criança no meio, porque só conhecendo os fenómenos do mundo em que vive é que ela poderá integrar-se nesse meio, ser autónoma, responsável e agir de forma consciente.

A curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento e o desenvolvimento das ciências, das técnicas e das artes.

2. ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL DO ESTÁGIO

Consideramos que uma ação educativa bem-sucedida deve ajudar as nossas crianças a construir um diálogo rico, personalizado e responsável com o mundo que a rodeia. Para

tal, procuramos que a nossa prática pedagógica compreenda as múltiplas dimensões a considerar no desenvolvimento da personalidade da criança.

A organização do ambiente educativo constitui o suporte do trabalho do educador e permite também um trabalho em equipa não só dos educadores mas dos adultos que trabalham nas instituições. O trabalho em equipa torna-se fundamental para refletir sobre a melhor forma de organizar o tempo e os recursos humanos, no sentido de uma ação articulada e concertada que responda às necessidades das crianças e dos pais.

Importante também é que os pais e encarregados de educação acompanhem todo o percurso escolar dos seus filhos, mas no que à educação pré-escolar diz respeito isso é fundamental uma vez que para a maior parte das crianças é a primeira vez que vão para a "escola".

Pode ainda dizer-se que a família o ambiente em que se está inserido e a instituição de educação pré-escolar são três contextos sociais que contribuem para a educação da criança e por esse motivo é importante que se desenvolva uma relação forte, entre estes três sistemas. Por outro lado o meio social envolvente, a instituição, as suas rotinas e atividades direcionadas às necessidades da criança são fatores influenciadores da sua educação. Foram estas razões que nos levaram a analisar a problemática da investigação/intervenção, o meio envolvente, a instituição e a sua organização, a organização dos espaços e materiais da sala de estágio e a fazer a caraterização do edifício e a caracterização global do grupo de crianças.

2.1. A INTEGRAÇÃO NO CONTEXTO DE ESTÁGIO: A PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO/INTERVENÇÃO

O conceito de competência está, hoje, omnipresente no discurso sobre a formação profissional em geral, sobretudo no que aos professores e educadores diz respeito. No entanto, na maioria das vezes fala-se em competência mas pensa-se em qualificação e é importante estabelecer uma clara distinção entre estes dois conceitos.

O termo qualificação remete-nos para a obtenção de títulos académicos, supondo uma prévia aquisição dos saberes já no que diz respeito à competência, podemos referir-nos a ela como a eficiência da nossa qualificação posta em prática.

Quando se afirma que a escola é o lugar onde os professores e educadores aprendem é, precisamente, este processo de produção de competências profissionais que está a ser referido. É no campo de trabalho através do estágio e o real contato com

as crianças, e não na escola de formação inicial, que se decide o essencial da aprendizagem profissional.

Na verdade na nossa formação enquanto educadores, a teoria ajuda-nos a entender como funciona o sistema escolar. O estágio dá-nos a possibilidade de investigar e intervir, explorando os nossos conhecimentos a nível teórico e pondo em prática as nossas verdadeiras capacidades. No entanto, ao longo do nosso estágio surgiram algumas dificuldades entre aquilo que aprendemos e aquilo que na realidade temos que por em prática. Deparámo-nos com um grupo bastante ativo, assim os primeiros momentos na instituição foram de investigação, do grupo em si e de cada criança individualmente, e de recolha de documentação sobre a sua dinâmica e funcionamento. Analisámos possíveis dificuldades do grupo, procedendo ao diagnóstico de necessidades das crianças do grupo que justificassem a nossa intervenção. Para o efeito conhecer individualmente cada criança, assim como as suas características comportamentais foi fundamental. Para o efeito recorremos a uma observação direta não participante e também a conversas informais com a educadora cooperante. Observámos as experiências e conhecimentos de cada criança a fim de sabermos que novos conhecimentos e experiências lhes devíamos oferecer mas sempre interligados com os conhecimentos anteriores. Podemos assim aperceber-nos que as novas informações se relacionavam com as que a criança já tinha, com os seus interesses e motivações, pois só dessa forma a aprendizagem ganha sentido e expressão. A intervenção pedagógica deve sempre assegurar esta construção de aprendizagens significativas.

A intervenção que planeamos para este estágio assentava sobretudo na ação, era um instrumento da construção do saber, não bastando por isso dizer à criança como se fazia, mas antes permitir-lhe fazer, mexer, tocar, porque só assim poderia aprender.

A relação com o grupo e com os outros é para a criança uma fonte de aprendizagem e o desenvolvimento das atividades selecionadas tiveram o propósito de satisfazer as suas necessidades.

Através de uma participação ativa direta e participante, das reuniões com a educadora cooperante, com as crianças, com os registos fotográficos, e de atividades, pudemos perceber qual o nível dos conhecimentos de cada criança, assim como a sua evolução.

O nosso papel perante as necessidades das crianças com o auxílio da educadora foi preponderante, quer no apoio e orientação das crianças, quer na criação de situações ricas em interação entre adultos e crianças e entre as próprias.

Proporcionar à criança um ambiente em que ela se possa exprimir, ou atividades em que se mantenha concentrado implica atividades e conversas que desenvolvam todas as formas de comunicação e expressão.

2.2. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTÁGIO: INTEGRAÇAO NA INSTITUIÇÃO, CARATERIZAÇAO DO MEIO, DO JARDIM DE INFÂNCIA E DA SALA DE ESTÁGIO

➢ Integração na Instituição

O estágio, como parte integrante do processo formativo, contribui para a formação do futuro profissional porque permite a aplicação prática dos conhecimentos teóricos, motiva e possibilita uma maior assimilação das matérias curriculares. Contribui para nos definir em face da futura profissão, para percebermos eventuais deficiências, buscarmos o aprimoramento, conhecendo as diretrizes, organização e funcionamento da instituição em geral e facilita a integração, além de propiciar melhor relacionamento humano e social.

O estágio que realizámos no jardim-de-infância das Árvores foi praticado entre Outubro de 2011 e Março de 2012. No entanto, nas três primeiras semanas estivemos em período de observação, onde começámos a manter contacto com as crianças, adultos e a instituição. Assim, pudemos observar a metodologia da educadora, o comportamento das crianças e as rotinas da sala.

Fomos muito bem recebidos pelos adultos e pelas crianças que aceitaram muito bem a nossa presença. Conhecemos todas as estruturas e departamentos do centro escolar e também o seu funcionamento.

A nossa observação foi ativa, interagimos, desde o início, em todo o tipo de atividades, dando a nossa opinião, sempre que solicitada. As crianças desempenharam um papel fundamental, pois pediam ajuda na realização de trabalhos o que nos fazia sentir bem.

Neste período, estivemos sempre atentas ao horário em que decorriam as atividades de rotina, livres e orientadas; à estrutura da sala e à organização e gestão

das atividades. O grupo, que observámos, era composto por vinte crianças e bastante heterogéneo e ativo.

➢ Caracterização do meio

As experiências proporcionadas à criança, que visam a sua interação com o meio, assumem uma importância fulcral na sua formação, uma vez que, a interação com o ambiente envolvente ajuda a desenvolver as diversas competências que a criança deverá atingir, contribuindo, também, para o desenvolvimento do seu pensamento lógico.

> O clima institucional e a cultura organizacional das escolas, bem como o tipo e a qualidade das parcerias que se vão mantendo com associações, organismos, instituições e outros recursos da comunidade envolvente terão de ser assumidos como fatores a considerar na configuração de um projeto educativo interessado no desenvolvimento pessoal e social das crianças que frequentam os contextos educativos formais (Trindade, 1998: 81).

A exposição a uma variedade de estímulos que, neste caso, podem ser proporcionados pelo próprio meio, incute na criança o desejo natural de continuar a aprender.

Segundo Trindade, "a escola deve ser entendida quer como um recurso ao serviço de ações promovidas por outros atores da comunidade local, quer como um espaço a investir por essa mesma comunidade" (1998: 213). Assim sendo, justifica-se a necessária abordagem do meio envolvente da instituição em estudo.

Um conhecimento alargado desse meio, como forma de responder adequadamente às necessidades das crianças, bem como o de lhes proporcionar uma melhor compreensão da realidade que as rodeia é de facto muito importante dado que isso influencia e potencia o seu desenvolvimento. Passamos assim a descrever o meio envolvente deste estabelecimento de ensino.

O Jardim de Infância das Árvores situa-se na rua da Fonte Nova – Almodena, freguesia de S. Dinis, concelho e distrito de Vila Real. Esta cidade tem uma localização geográfica privilegiada entre o litoral e o interior, tendo bons acessos (IP4, A24 e N313). É sede de um concelho maioritariamente rural, contrastando com o caráter urbano da cidade Vila Real. Este distrito faz fronteira a norte com Espanha, a leste com o distrito de Bragança, a sul com o distrito de Viseu e a oeste com os

distritos do Porto e de Braga. É sede de um município com 377,08 km² de área e 51 850 habitantes (dados de 2011), subdividido em 30 freguesias[1]

Hoje em dia, a cidade de Vila Real está a crescer, desenvolvendo-se nas áreas da indústria, do comércio e dos serviços para a saúde, ensino e turismo, entre outras, apresentando-se assim como um local de eleição para os investimentos externos. A área, que abarca a cidade, compreende uma rede de transportes urbanos (Corgo bus), que se destinam principalmente a facilitar a deslocação dentro da cidade.

É nesta cidade que está implantada a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Ao nível do 3º ciclo e do Ensino Secundário existem três escolas:
Escola Secundária Camilo Castelo Branco (Ex Liceu), Escola Secundária de S. Pedro (ex-Escola Industrial e Comercial) e Escola Secundária Morgado Mateus. Referente ao Segundo e Terceiros Ciclos do Ensino Básico existem duas escolas: a Escola EB2/3 Diogo Cão (Ex- Ciclo Preparatório) e Escola EB2/3 Monsenhor Jerónimo do Amaral.

Nos últimos anos, foram criados em Vila Real vários equipamentos culturais como: o Teatro de Vila Real e o Conservatório de Música, o que trouxe um novo

dinamismo à cidade. Atualmente, Vila Real vive uma fase de crescente desenvolvimento, a nível industrial, comercial e dos serviços, destacando-se a saúde, o ensino e o turismo.

A Freguesia de S. Dinis, onde se situa o Jardim de Infância das Árvores, é a mais antiga do Concelho de Vila Real. Voltada para a Serra do Marão, fica situada na parte

Sul do concelho. Tem como fronteiras as Freguesias de S. Pedro, Nossa Sr.ª da Conceição, Lordelo, Parada de Cunhos, da qual é separada pelo Rio Cabril, e Folhadela.

➢ Caraterização do jardim-de-infância

O Jardim de Infância encontra-se no centro escolar das Árvores, inaugurado a 15 de Setembro de 2011, este centro faz parte do Agrupamento Vertical de Escolas de Diogo Cão. O agrupamento de escolas "é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída por estabelecimentos de

[1] Http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Real

educação pré - escolar e escolas de um ou mais níveis e ciclos de ensino" (Decreto-Lei 75/2008:2344).

A constituição de agrupamentos de escolas considera, entre outros, critérios relativos à existência de projetos pedagógicos comuns, à construção de percursos escolares integrados, à articulação curricular entre níveis e ciclos educativos, à proximidade geográfica, à expansão da educação pré-escolar e à reorganização da rede educativa. Deste Agrupamento fazem parte os seguintes órgãos de direção, gestão e administração: o Conselho Geral, o Diretor, o Conselho Pedagógico e o Conselho Administrativo.

Relativamente aos recursos humanos por parte do jardim-de-infância este estabelecimento conta com, uma tarefeira, duas auxiliares, duas educadoras e uma estagiária do mestrado de ensino em educação pré-escolar da U.T.A.D (Universidade de Trás – os – Montes e Alto Douro).

O horário de funcionamento desta instituição é das 07h:45min às 12h e das 14h às 18h.15min, o horário letivo de funcionamento cumpre um total de cinco horas diárias, sendo três horas no período da manhã (das 09:00h às 12:00h) e duas horas no período da tarde (das 14:00 às 16:00 horas) as animadoras do CAF (Componente de Apoio à Família) apoiam as crianças na hora de almoço e de prolongamento horário, ou seja, das 07:45h às 09h, 12h às 14h e das 16h às 18h:15min, facilitando, desta forma, a vida dos pais que necessitam de estar a horas nos seus empregos, dos que vêm buscar as crianças para almoçar, e dos que só podem ir buscá-los no final do seu trabalho.

O centro Escolar foi projetado para receber alunos do pré-escolar e do 1º ciclo, em que ambos os níveis de ensino partilham espaços como o refeitório, biblioteca/mediateca, sala de atendimento aos encarregados de educação e sala da direção.

Assim a parte destinada ao 1º ciclo é constituída por oito salas, um recreio exterior e uma sala polivalente, uma sala para crianças com necessidades educativas especiais, três casas de banho uma para os professores, e duas destinadas às crianças (uma para meninos e outra para meninas), e ainda sala de professores.

Embora existam três salas destinadas ao pré-escolar, apenas duas estão em função com esse objetivo, sendo que essa terceira sala é ocupada por alunos do 1ºciclo, passando assim a ser nove salas do 1ºciclo.

A parte direcionada para o pré-escolar, e na qual decorreu o nosso estagio é constituída por duas salas de atividades que beneficiam de:

Parque infantil

O parque infantil é constituído por um piso antiderrapante, e possui:

- Estruturas fixas para subir e descer, e trepar
- Baloiço
- Cavalinho
- Flor para se baloiçar

É um espaço acolhedor, com árvores e seguro. Permite às crianças movimentarem-se, descobrirem explorarem e descontraírem.

Hall de entrada

Este é um espaço em que as crianças deixam os seus casacos, assim que chegam á escola, segundo Bassedas, Huguet e Solé , (1999: 110) "(…) é preciso haver um espaço próprio para cada um pendurar os casacos de inverno e as mochilas, guardar coisas que trazem de casa para mostrar ou para brincar e comunicar-se."

É no hall de entrada que as crianças são recebidas, este fica perto da porta de entrada, e perto da sala polivalente onde as crianças permanecem antes de irem para as salas, o cabide está devidamente identificado com o nome das crianças e é partilhado pelas crianças da sala nº1 e nº2.

Sala polivalente

Esta sala tem cerca de 75m^2, é usada para o lanche das crianças, e para o prolongamento entre outras atividades. É uma sala com bastante iluminação natural pois tem várias janelas, e iluminação artificial. É ainda uma sala que usufrui de aquecimento assim como o resto da escola, tornando-se bastante acolhedora, é partilhada pelas crianças da sala nº1 e nº2. É também onde se encontram alguns espaços, como a garagem, casinha, jogos, espaço de leitura, devido a falta de espaço nas salas de atividades.

Garagem:

- Vários carros de vários tamanhos;
- Duas caixas com legos, carros, bonecos e animais;
- Objetos, para a construção e garagem;

• Um tapete colorido com a forma de estrada;

• Duas garagens em madeira;

• Um armário;

• Vários jogos de construção.

Este espaço é fundamental para as crianças, para o seu desenvolvimento intelectual e motor, porque brincam jogando, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua imaginação, a sua criatividade e a sua capacidade intelectual. Para além disto, exprimem sentimentos e emoções desenvolvendo paralelamente a sua destreza manual e motricidade fina.

Outra das vantagens deste espaço é a possibilidade de as crianças brincarem em grupo e partilharem os materiais existentes, aprendendo assim a trocar objetos e a cooperar com os outros grupos para conseguir atingir os seus objetivos.

Área da leitura:

- Vários livros de histórias, científicos, informativos, identificados por diferentes símbolos.

Neste espaço existe uma mesa redonda que serve para as crianças se sentarem e desfrutarem dos livros.

É um espaço que fica um pouco à parte dos restantes cantos, uma vez que necessita de algum silêncio. É bastante iluminado pois que fica junto das janelas.

Casinha:

- Cama
- Armário
- Vestiário
- Varias bonecas
- Tábua de passar a ferro com o respetivo ferro
- Mesa com uma máquina de costura com uma cadeira.
- Cozinha
- Mesa
- Quatro cadeiras
- Fogão
- Banca da loiça

- Louceiro
- Máquina de lavar
- Armário.

Este espaço é o mais procurado pelas crianças, pois é onde estas podem representar vivências do seu dia-a-dia em conjunto com os colegas.

Wc crianças:

Duas casas de banho, (divididas para rapazes e raparigas), equipadas com:

- Lavatórios
- Bancada com torneiras
- Quatro sanitas divididas por baias
- Duche

Não existe casa de banho para adultos junto das salas, sendo que se torna um incómodo, os adultos destas salas tem que se dirigir a parte do 1ºciclo.

De acordo com o Despacho Conjunto Nº 268/97 de 25 de Agosto, Normas de instalações, no seu Anexo n.º1, Ficha n.º 4, o espaço destinado à higiene pessoal das crianças deverá ser observado a porção de: Uma sanita/10 crianças (separadas por baias com um máximo de 1,2m e sem portas) o que se verifica nesta instituição. Os WC encontram-se próximos da sala de atividades permitindo uma fácil comunicação entre as mesmas. O pavimento é de fácil manutenção. Possui iluminação natural, agua esgoto, e toalheiros.

Sala de repouso:

Esta sala encontra-se junto das salas de atividades, é uma sala pequena constituída por:

- Cacifos
- Cabides utilizados por auxiliares animadoras e educadoras das duas salas.
- Frigorífico
- Um pequeno colchão
- Máquina de café

Esta sala é utilizada para o repouso de algumas crianças que se sintam mais cansadas ao longo do dia, é também usada para pinturas de materiais de maior tamanho.

Espaço exterior

O espaço exterior deverá merecer a mesma atenção do Educador que o interior, pois é um espaço que as crianças apreciam muito e onde têm oportunidade de se relacionar com as restantes crianças da instituição, pois " o espaço exterior do estabelecimento de educação pré-escolar é igualmente um espaço educativo. (…) que pode proporcionar momentos educativos intencionais, planeados pelo educador e pela criança" (Ministério da Educação 2009: 38,39).

A vedação é feita à volta de toda a escola e é suficientemente alta, constituída por muro e grades com dois portões de acesso, um na parte da frente que nas horas de maior afluência (manha, hora de almoço e saída) está vigiado por uma assistente operacional do 1ºciclo, para um melhor controlo de entradas e saídas das crianças, existe ainda um segundo portão, dirigido para a parte de trás do centro escolar, este não é utilizada pelas crianças para entrada e saída do centro, é apenas usada esporadicamente por algumas assistentes operacionais para a sua saída e entrada, ou das crianças devidamente acompanhadas sendo que este portão esta trancado.

➢ Caraterização da sala de estágio

É na sala de atividades que, as crianças interagem, e é numa interação envolvente com os materiais existentes que as crianças desenvolvem as aprendizagens, vivenciam o seu dia-a-dia e proporcionam momentos de entusiasmo e desenvolvimento, pois o "(…) espaço é uma construção temporal que se modifica de acordo com as necessidades, usos, etc." (Barbosa e Horn citado por Craidy e Kaercher 2001:74).

Não há um tipo de organização que funcione como modelo, pois cada educador deve organizar o espaço às características do grupo, às dimensões da sala, aos equipamentos de que dispõe, aos materiais educativos e à realidade local onde se situa o jardim-de-infância, sendo que, "(…) as salas são geralmente organizadas de forma a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de atividades" (Cardona, 1992: 8).

Forneiro in Zabalza refere que " o espaço na educação é constituído como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das atividades instrutivas" (1998: 236).

O espaço deve ser amplo para que as crianças possam movimentar-se à vontade, possam usar os materiais educativos, fazer explorações, criar e resolver problemas, trabalhar individualmente e/ou em grupo.

A sala de atividades e os seus espaços não devem ser vistos como um pano de fundo mas sim como parte integrante da ação educativa. "O Educador deve proporcionar às crianças espaços variados, sugestivos, e aliciantes e na sua organização deverá existir harmonia e lógica de modo a possibilitar as trocas e os contactos entre elas." (Lobo, 1988: 19). Para tal é necessário considerar o seu arranjo de acordo com o número de crianças presentes no grupo, as suas idades e as suas características. É ainda importante realçar que a sala de atividades não deve ser o espelho do trabalho do Educador mas sim das crianças.

A sala nº1 do Jardim de Infância das Árvores, é acolhedora, limpa, com cerca de 45m^2. É uma sala arejada e com muita luz, quer natural, através de janelas em vidro grandes, quer artificialmente. É uma sala inicialmente equipada apenas com mesas, cadeiras e estantes adequadas a estatura das crianças. O pavimento é de fácil manutenção higiénica e está em boas condições. Existe no entanto uma carência de material ludo didático e pedagógico. Esta sala está apetrechada com alguns dos móveis e materiais recuperados da sala nº1 das antigas instalações.

No que diz respeito ao espaço vertical, a nossa sala de estágio era uma área muito ativa e dinâmica. Este espaço tem como funções pedagógicas expor nas paredes as atividades escolares, e relembrar as atividades realizadas e a realizar. É um espaço de aprendizagem e de trabalho, onde se encontram os registos e instrumentos de pilotagem. Nas paredes estão expostos instrumentos que regulam a organização de trabalho, tais como:

- Mapa das presenças - mapa onde todos os dias de manhã, após vestir a bata, cada criança marca a presença de acordo com o código que foi estipulado, (uma bolinha verde). Uma das tarefas da sala é ajudar os colegas a marcar a presença, sobretudo as crianças mais pequenas. Caso tenha faltado algum menino, será marcar a falta a vermelho. Esta função leva as crianças a estabelecerem e a coordenarem um grande número de relações espaciais, temporais e simbólicas.

No fim de cada mês, cada criança com a ajuda de um adulto da sala a avaliação, conta o número de faltas.

- Mapa das tarefas - mapa que designa as atividades de manutenção da sala e algumas funções desempenhadas pelas crianças. Pressupõe que todos saibam o

que é preciso fazer e que cada um se responsabilize por uma tarefa, com um companheiro.

Um dos objetivos deste mapa, para além de despertar a responsabilidade na criança, é uma forma de evitar conflitos no grupo, pois todos têm o seu papel a desempenhar na sala. Isto porque antes da introdução do mapa, sempre que era necessário fazer alguma coisa, havia logo grande alvoroço pois todos queriam fazer, assim, com as tarefas divididas, cada um sabe o que tem de fazer, deixando assim de existir confusões dentro da sala.

- O Diário de Grupo – instrumento utilizado para gerir os conflitos da turma e manter um ambiente saudável e de cooperação que é analisado e discutido em grande grupo no início de cada semana. Este diário é constituído por três colunas: " Não Gostamos", " Gostamos" e as "Notícias". Nele as crianças e os adultos da sala dizem o que gostaram, o que não gostaram e as novidades onde se registam as ocorrências mais significativas ao longo da semana. O Diário de Grupo é um instrumento mediador e operador de regulação social do grupo. As crianças assumem com grande seriedade o ato de escrever no diário de grupo, sendo, que este permite influenciar os juízos de valor sobre o trabalho escolar e a sua qualidade. Sendo também uma estratégia de avaliação para o grupo.
- Mapa dos aniversários - o qual contém o nome das crianças, fazendo correspondência com o dia do seu aniversário.
- Plano do dia – plano que têm como objetivo dar às crianças a noção do que há para fazer durante esse dia. Este é planificado na reunião de grande grupo no período da manhã, nele se colocamos as atividades a que temos de dar continuidade e aquelas que vamos iniciar, planificam-se também as atividades pretendidas pelas crianças e aquelas que nós orientamos com o consentimento das crianças. Isto é, neste plano são trabalhadas as diferentes áreas de conteúdo, realizando sempre atividades orientadas, livres e de rotina.
- Lista dos autores favoritos - folha afixada na parede junto do diário de grupo, onde a Educadora ou estagiária escreve segundo a opinião das crianças os autores e histórias que mais gostaram de ouvir.
- Lista do chefe da semana – folha afixada no placar onde consta o chefe e o subchefe eleito tal como consta de uma lista de votação que também se afixa no placar e da qual constam o número de crianças que votaram e em quem votaram. Esta uma forma de incutir nas crianças o sentido de responsabilidade, encarando está tarefa

com um certo "orgulho" e responsabilidade pelas tarefas correspondentes ao chefe da semana.

- Mapa do tempo - mapa onde as crianças todos os dias assinalam o estado do tempo. Os materiais existentes neste mapa são cartões com os desenhos do estado do tempo feito pelas crianças.
- Ideia de trabalho - afixada no placar junto do mapa de presenças e que se carateriza por uma cadeia de atividades propostas sobretudo pelas crianças, preparando assim atividades futuras.
- Placard de desenhos – placard identificado com o nome de cada criança com colagens e trabalhos livres e onde se afixam os trabalhos de colagem de desenhos livre e atividades orientadas feitas pelas crianças.

Os objetivos e a natureza de cada área ditam o tipo de atividades que nela devem ser realizadas, segundo Lobo "a sala deve estar organizada em áreas bem definidas e delimitadas no espaço, e o material (…) deverá estar disposto de modo a transmitir à criança o seu modo de utilização, o que lhe favorecesse autonomia. Deve existir harmonia e lógica de modo a possibilitar as trocas e os contactos entre elas" (1988: 19).

O Despacho Conjunto nº258/97 de 21 de Agosto "define os critérios a utilizar pelos estabelecimentos de educação pré-escolar, quanto à escolha das instalações e do equipamento didático". Assim, define algumas prioridades a ter em conta aquando da aquisição de mobiliário para a sala de atividades do pré-escolar como: qualidade estética; adequação ao nível etário; resistência adequada; normas de segurança; multiplicidade de utilizações; valorização de materiais naturais, evitando materiais sintéticos e a utilização de materiais de desperdício.

Na sala de atividades do Jardim das Árvores, onde estagiámos, apenas algumas as áreas estão delimitadas e bem definidas por mobiliário. Por norma, este deve estar bem organizado, proporcionando a boa mobilidade das crianças, para que estas não andem aos encontrões. Mas na nossa sala, embora estivessem organizados da melhor forma, o espaço era um pouco diminuto, não proporcionando a criação de áreas como a biblioteca ou a casinha.

No caso da nossa sala, esta era dividida em pequenos espaços dedicados a algumas atividades fundamentais, tantas quantas foi possível criar. Os espaços existentes para além de serem suficientes eram essenciais e não se podia retirar nenhum deles; por outro lado, se houvesse vontade de criar uma nova área o espaço já

era muito reduzido, foi o que aconteceu na criação do espaço de leitura e matemática onde o espaço manobra foi muito reduzido.

Os espaços dedicados a atividades eram distribuídos por toda a sala.

- Mesa de grande grupo - espaço frequentado pelo grande grupo. Aqui faz-se o acolhimento, a avaliação de alguns instrumentos da sala, realizam-se as reuniões de grande grupo, escrevem-se os papéis para colocar no jornal de parede, pensa-se nas ideias de trabalho, contam-se as novidades e as histórias, cantam-se músicas, em suma, é o local onde as crianças realizam todas as atividades orientadas.

Este espaço é constituído por várias mesas retangulares, e várias cadeiras.

- Mesa do computador - área onde existe uma mesa com um computador ligado à internet. Existe uma fotocopiadora/impressora usada frequentemente para imprimir ou fotocopiar material para a sala. O computador também é usado pelas crianças para realizarem trabalhos individuais de desenho ou pesquisa.
- Armário dos materiais - armário onde se encontram folhas e lápis de cor para o desenho, as folhas do plano do dia, e vários materiais para serem usados na sala de aula, assim como tesouras, matérias recicláveis entre outros. Este armário é ainda usado para afixar alguns trabalhos, é também onde as crianças guardam os trabalhos inacabados.
- Bancada - bancada munida de um lavatório, usado para lavar os pincéis, e também para fazer alguns trabalhos de pintura, algumas experiências e ainda e usado pelas crianças para beber água. Tem, varias gavetas, onde são guardados vários materiais usados frequentemente na sala para trabalhos.

- Espaço do recorte e colagem, encontra-se junto da bancada, na mesa redonda e mais pequena que a mesa de grande grupo. No armário podemos encontrar as tesouras, colas, papéis variados, algodão, tampas, rolhas, as revistas, entre outros materiais.

Aqui, as crianças podem trabalhar bastante a motricidade fina, nomeadamente com as tesouras, uma vez que nesta idade ainda existe bastante dificuldade no seu manuseamento.

2.3. CARATERIZAÇÃO DO GRUPO DE ESTÁGIO: DIAGNÓSTICO DE NECESSIDADES, MOTIVAÇÕES E EXPETATIVAS

No Jardim-de-Infância o grupo influência de forma significativa a interação social e as relações entre adultos e crianças e entre crianças. "A relação individualizada que o educador estabelece com cada criança é facilitadora da sua inserção no grupo e das relações com as outras crianças." (Ministério Educação, 2009: 35).

A sala nº1 do jardim-de-infância das Árvores, que nos acolheu no nosso estágio, é constituído por vinte crianças, das quais sete são raparigas e treze são rapazes. As suas idades estão compreendidas entre os três e os cinco anos. Uma dessas crianças está sinalizada pela equipa do ensino especial em virtude de necessitar de apoio educativo. Devido ao facto de ser um grupo heterogéneo, existe uma maior troca de experiências e saberes, criando um ambiente estimulador para o ensino/aprendizagem.

Perante esta diversificação do grupo, existe uma necessidade de aproveitar as origens familiares e culturais de cada criança, tais como estilos de expressão, jogos e brincadeiras, ampliando as experiências das mesmas. É que na "na educação pré-escolar o grupo proporciona o contexto imediato de interação social e de relação entre adultos e crianças e entre crianças, o que constitui a base do processo educativo" (Ministério da Educação, 2009: 34-35)

As crianças eram ativas e dinâmicas e participavam com empenho, entusiasmo e alegria em todas as atividades propostas pela educadora e pela estagiária, quer dentro da sala de aula quer no recreio. Constituíam um grupo bastante interessado e curioso e na sua maioria mantinham-se atentos ao que a educadora ou a estagiária referiam. Possuíam uma grande capacidade de memorização e um enorme interesse em conhecer novos vocábulos e adquirir diferentes conhecimentos. Embora fosse um grupo bastante heterogéneo e trabalhador, é no entanto de referir a existência pontual de problemas a nível de comportamentos por parte de algumas crianças que, o que por vezes causava instabilidade.

A grande maioria das crianças (15) frequentava este Jardim de Infância pela segunda vez, as restantes (5) estavam a frequentá-lo pela primeira vez neste ano letivo.

As crianças de três anos que frequentavam pela primeira vez o jardim-de-infância, adaptaram-se bem a esta nova fase, embora algumas de manhã fizessem um pouco de birra quando viam partir os pais. Eram crianças interessadas e dinâmicas que gostavam da companhia das outras crianças e geralmente partilhavam jogos ou

brinquedos. Interessam-se pelos outros e pedem os seus brinquedos. Geralmente necessitavam da educadora ou estagiária para resolver os problemas com os seus companheiros.

As restantes crianças, que já frequentavam o jardim pelo segundo ano, tinham uma atitude na sala mais integrada e participativa, denotando-se que as crianças de 4 anos em geral começavam a tentar participar mais ativamente nas atividades, e se expressavam já com bastante clareza e que as de cinco anos eram um pouco mais calmas, confiantes, se sentiam mais capazes e autónomas e demonstravam interesse por assuntos diversos com maior complexidade.

Quando se caracteriza um grupo de crianças não devemos cingir-nos apenas aos itens acima mencionados, esquecendo a vertente da família. É pertinente falar acerca das profissões e habilitações dos pais das crianças, isto porque na maior parte das vezes, o desenvolvimento intelectual das crianças varia com o meio em que se inserem e como tal é essencial saber o meio em que a criança convive para *A posteriori* supormos quais serão as maiores dificuldade que a criança pode vir a ter.

A maioria dos pais destas crianças frequentou o ensino superior sendo que os pais estão em maioria, no que diz respeito ao ensino secundário o número de mães é superior ao dos pais. São ainda as mães que apresentam mais habilitações entre os que concluíram o 1º e 2º Ciclos de ensino.

Através das profissões dos pais, podemos imaginar o tempo que disponibilizam para os filhos. No presente caso, a maior parte dos pais trabalha por conta de outrem, apresentando as mais diversas profissões, sendo que existe um número considerável de mães professoras. O nível socioeconómico é por assim dizer moderado.

Devido às suas responsabilidades perante o trabalho os pais não despendem de muito tempo para as crianças. Muitas delas ficavam para o prolongamento Porém, e apesar do pouco tempo que têm, procuram ser pais atentos e preocupados que ajudam os filhos nas suas curiosidades e pesquisas.

As crianças com quem trabalhamos eram como já referimos bastante interessadas e curiosas e participavam com empenho, entusiasmo e alegria em todas as atividades propostas. Na sua maioria as crianças procuravam estar atentas, o que não impedia que nas reuniões de grande grupo, quando o assunto se prolongava mais um pouco, as mais pequenas começassem a ficar saturadas acabando por ficar irrequietas, o que aliás, é normal nestas idades.

O grupo dos mais velhos demonstrava grande interesse por todas as atividades, eram bastante ativos e motivados e apresentavam já interesse por temas diversificados e por conhecerem novos vocábulos.

Durante as atividades, a formação de pequenos grupos era mais acentuada, tornando-se mesmo uma necessidade, motivada pela falta de espaço na sala.

Estas crianças possuíam grande capacidade de relação entre elas, eram capazes de partilhar todo o material, o espaço e o mobiliário existente, mas por vezes esta partilha gerava pequenos conflitos entre eles.

Nas crianças de três anos, partilhar torna-se um pouco mais difícil pois é uma idade em que estas são um pouco egocêntricas e sentem muita dificuldade em dividir o material que estão a utilizar, no entanto vão aprendendo com a convivência e interação com os outros que partilhar é importante para a sociabilização.

Em geral as crianças deste grupo eram bastante autónomas, sobretudo as mais velhas, as de três anos ainda solicitavam a ajuda dos adultos em alguns casos da sala, mas denotava-se aos poucos uma adaptação cada vez maior ao ritmo do grupo.

No dia-a-dia algumas crianças ainda apresentavam dificuldades em se expressar e dialogar sobretudo na reunião de grande grupo, no entanto observando-as nas atividades livres em que convivem e interagem com os colegas eram mais expressivas e comunicativas.

O grupo era notavelmente assíduo e quando as crianças faltavam, os encarregados de educação tentavam avisar com antecedência ou justificavam-se quando a criança voltava à escola. Notava-se uma preocupação por parte da família na assiduidade e participação da criança no Jardim. Este grupo demonstrava uma grande autonomia, no que se refere a atividades como:

Lavar as mãos: algumas crianças ainda tinham alguma dificuldade de realização da atividade, passando por vezes as mãos só por água e esquecendo-se do sabão. Algumas das crianças desperdiçavam muita água, acabando até por molhar as mangas.

Nas idas à casa de banho; (momento que ocorre sempre antes do lanche e do almoço, ou no decorrer do dia com autorização para tal). Todas as crianças conseguem fazê-lo sozinhas, ate mesmo as de três anos embora por vezes necessitem de ajuda para desabotoar o botão das calças.

É pertinente referir que, o grupo mostrava grande interesse em percorrer todas as atividades livres possíveis na sala polivalente, com um particular interesse por parte dos rapazes pela área da garagem e construção, e das meninas na casinha. Este grupo

tem o hábito de arrumar os materiais, embora algumas vezes seja necessário chamar-lhes a atenção para isso. De salientar também que algumas crianças mais novas demonstravam dificuldades em manipular certos materiais, nomeadamente lápis, tesouras e pincéis embora haja exceções.

Quando faziam um trabalho de colagem, era sempre necessário a chamada de atenção e supervisão de um adulto, uma vez que, têm por característica colocar muita cola no que vão colar sendo assim necessário fomentar o aperfeiçoamento da motricidade fina.

No que concerne a expressão musical, as crianças adoravam cantar e mostravam uma grande capacidade de memorização.

Era também notável o gosto por diversos tipos de música e pela dança, no entanto nas crianças mais pequenas quando se prolongava a atividade, elas demonstravam cansaço e um progressivo desinteresse.

Algumas crianças, sobretudo as mais novas tinham alguma dificuldade em se exprimir perante os colegas sendo assim necessário desenvolver na área de formação pessoal e social a autoestima das crianças, ajudando-as a sentirem-se capazes de tomarem iniciativa para interagir com os colegas.

No que diz respeito ao domínio da matemática teria de se desenvolver a noção de número, dado algumas crianças demonstrarem dificuldades em contar até dez sobretudo as de 4 e 3 anos, pois as de 5 anos já eram capazes de contar até 20, havendo algumas que conseguiam mais e uma outra criança que conseguia realizar uma contagem elevada.

Na área de conhecimento do mundo, era importante sensibilizar as crianças para a preservação do meio ambiente, incentivando atitudes ecológicas tanto na escola como em casa.

É pertinente acrescentar que a maior parte das crianças de 4 anos já conseguia reproduzir o seu nome embora com algumas dificuldades, algumas de 3 conseguiam reproduzir algumas letras e as crianças de 5 anos em geral conseguiam escrever sozinhas o seu nome, sendo que algumas delas faziam-no completo.

Quanto aos instrumentos de gestão de grupo, é importante expor que, devido ao facto de terem entrado, cinco crianças de novo, e a mudança para o novo edifício se tornar um pouco complicada, devido à perda de vários materiais, a utilização dos instrumentos de gestão de grupo se complicou um pouco. Assim estes instrumentos foram introduzidos aos poucos, de forma a não gerar muita confusão nas crianças. (por

exemplo: o mapa das tarefas foi introduzido mais tarde, e como tal, a sua avaliação foi sido feita verbalmente e quinzenalmente, para uma progressiva adaptação).

Algumas crianças ainda faziam birras, inicialmente as de três anos no acolhimento, embora geralmente breves.

No desenho, as crianças mais pequenas, divertiam-se fazendo garatujas. Em geral enchiam a folha de papel variando os seus movimentos, usando cores diferentes e traçando linhas horizontais, verticais ou circulares sem respeitarem, muitas vezes, os limites do papel em que desenhavam e sobrecarregando o desenho, rasgando por vezes a folha. No entanto é de referir que há crianças de 3 anos que já eram capazes de representar a figura humana, e alguns objetos do dia-a-dia.

As crianças maiores em geral já eram capazes de ter desenhos bastante diversificados, desde a figura humana a tudo que envolve o seu dia-a-dia.

No que concerne ao comportamento em geral de todo o grupo, é de referir que eram solidários e interagiam muito bem uns com os outros, embora ainda necessitassem de vigilância devido aos conflitos que por vezes surgiam.

Tanto a educadora, quanto nós esforçamo-nos por trabalhar a cooperação entre os mais velhos e os mais novos, nomeadamente na ajuda em atividades mais complexas, e em saídas. Cooperação que tem funcionado muito bem e ajuda os mais novos a aprender as rotinas do jardim e a cresceram enquanto indivíduos, e apurar o sentido de responsabilidade nos mais velhos.

3. ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PROBLEMÁTICA DE ESTÁGIO

Destina-se, o presente espaço, ao desenvolvimento da temática inerente ao trabalho de estágio e nele procuramos através da literatura explicitar e refletir sobre o contexto histórico-social e a conceptualização que a envolve. Assim sendo, nas linhas que se seguem, iremos abordar a importância da hora do conto na formação da criança em idade pré-escolar, bem como a forma de o contar de forma a torná-lo num momento privilegiado de animação educativa com forte significado para a criança.

Referimos de seguida a importância do educador no ato de preparar e contar histórias.

3.1. A IMPORTÂNCIA DA HORA DO CONTO NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

A vontade de contar histórias nasceu há muitos anos atrás, como forma de comunicação entre os homens, quando contavam uns aos outros as suas vivências e experiências de vida. Durante séculos, essa cultura manteve-se sem escrita, mas na memória viva. Eram os contadores que conservavam e difundiam a história e o conhecimento acumulado pelas gerações, transmitindo-os de geração em geração. Desta forma os contos de tradição oral viajaram do Oriente para o Ocidente. Com a chegada dos livros, os jovens de então disponham de obras apenas para a aquisição de conhecimentos e para a formação moral e religiosa. As crianças e jovens aprendiam com as histórias vividas, contadas pelos seus pais, avós e parentes que compartilhavam as suas experiências com a coletividade.

A invenção da imprensa no final do século XV favoreceu o desenvolvimento da literatura, começando a ser reconhecida como um divertimento e forma de lazer. Acompanhando o desenvolvimento do ensino e do estatuto da criança, surge a chamada literatura infantil, na sua grande parte obras pedagógicas e de didatismo moral. Com o passar do tempo este registo ganha nova dimensão, mantendo uma relação privilegiada entre os adultos-autores e crianças-ouvintes.

A literatura infantil não parou mais de crescer. Nos tempos atuais tem como público-alvo, as crianças entre os dois e dez anos de idade e nela se discutem valores morais, sentimentos e atitudes, já que a sua função é a de educar moralmente as

crianças, demarcando claramente o bem que deve ser aprendido do mal que deve ser desprezado.

Como é do conhecimento de todos, a sociedade de hoje vive de maneira diferente da do passado, não há já espaço para reuniões familiares, nem entre amigos. As pessoas permanecem isoladas e vivem numa correria constante e com isso as histórias e o mundo de encantar vai perdendo espaço, isto porque "a necessidade e o prazer de ler não nascem espontaneamente. É lendo que se conquista a necessidade de ler" (Traça, 1992: 75). Por sua vez a capacidade de ler é uma aquisição cultural fortemente determinada pelo contexto social em que a criança se desenvolve. Segundo Traça (1992: 75),

> A aventura de ler começa muito cedo. A leitura é uma aprendizagem social que ultrapassa o quadro escolar, começando muito antes da entrada na escola. A leitura começa antes da leitura. A criança lê o mundo que a rodeia muito antes de ler um livro. O mundo é um livro aberto.

A leitura é um novo modo da criança aprender a realidade, daí a importância do livro surgir na sua vida desde a primeira infância. Nesta faixa etária, o livro tem o poder de proporcionar o prazer da convivência com a imagem ou com a palavra. Ao ouvir histórias, as crianças e adultos podem apresentar reações que manifestam os seus interesses revelados ou inconscientes e por vezes conseguem vislumbrar nas narrativas, soluções que amenizam as suas tensões e ansiedades.

O contador, por sua vez, exerce forte influência sobre os seus ouvintes, na medida em que é capaz de levar a que a história através da magia e atração que exerce sobre a criança assuma uma especial importância no seu desenvolvimento, ao tornar-se recreativa, educativa, instrutiva, afetiva, alargue horizontes, estimule a criatividade, crie hábitos, desperte emoções, valorize os sentimentos, estimule a socialização e desenvolva a atenção e a disciplina, sabendo de antemão que tudo isto depende em grande parte da forma como ele a conta. Contar histórias é por conseguinte uma forma de fazer arte e de levar quem as ouve a sentir-se parte do espetáculo, a interagir, a sentir prazer em ouvir e, consequentemente a ler. Na formação de qualquer criança, ouvir um conto é muito importante, é o início da aprendizagem para se ser um leitor e, tornar-se leitor é começar a compreender e a interpretar o mundo.

Os contos enriquecem o nosso espírito, iluminam o nosso interior e, ao mesmo tempo, tornam as crianças protagonistas na resolução dos problemas e mais flexíveis para aceitar diferenças além de formarem o gosto pela leitura. É que quando a criança

aprende a gostar de ouvir histórias contadas ou lidas, ela adquire o impulso inicial que mais tarde a atrairá para a leitura. O importante para que isso aconteça é que as histórias sejam elaboradas de uma forma facilmente entendida pelas crianças que as lêem ou ouvem, para que possam compreendê-las sem qualquer tipo de problema. Estas histórias no fundo devem tratar dos problemas das crianças, dirigindo-se às suas fantasias, transmitindo as suas emoções, respondendo às suas necessidades. Segundo Traça, "os livros para crianças são agentes do processo de socialização, oferecem modelos e uma representação adequada da sociedade (…) são portadores de mensagens produzidas por uma sociedade e pelos escritores que os escreveram" (1992: 85). Ouvir a leitura de histórias leva as crianças a perceberem as características da língua escrita. Com essa prática, constatamos que não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo.

A descoberta do mundo faz nascer na criança diversas interrogações, suscitando o imaginário, este mundo pode ter uma elevada função pedagógica, para o próprio desenvolvimento da criança, da observação e da memória. Para além do aumento dos conhecimentos e da experiência, os contos são "uma fonte de divertimento e possuem uma função educativa (Traça, 1992: 87).

A maior parte dos contos suscita uma atenção consciente a valores e exemplos prescritos. Ao ouvirem ler, ou ao lerem elas próprias, as crianças são confrontadas com determinados papéis, que incorporam determinados valores sociais e morais, facilitam a adaptação da criança ao meio, ensinam o que a criança deve saber ao nível do seu desenvolvimento e isso só é possível porque dos contos fazem parte, a magia e a fantasia. Esta fantasia leva-as a identificar-se com a personagem principal, o que não é prejudicial para a criança, pois esta não fica encerrada nela de modo permanente, dado que chegado o final feliz do conto, o mergulho no imaginário termina e tudo volta à realidade. Aliás, segundo Albuquerque, (2000:113), "é no imaginário que a criança procura a explicação do real, do conhecimento novo que precisa de ser integrado e compreendido, antes de ser assimilado". Este mundo de fantasia é o suporte necessário, o grande organizador, o fator de compreensão de valores morais e sociais.

3.2. REPRESENTAR/DRAMATIZAR CONTOS: MOMENTOS PRIVILEGIADOS DE ANIMAÇÃO EDUCATIVA DE FORTE SIGNIFICADO PARA A CRIANÇA

Numa idade em que as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real, importa que a educação pré-escolar proporcione situações de distinção entre o real e o imaginário e forneça suportes que permitam desenvolver a imaginação e a criatividade como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes mundos. Na opinião de Santos tudo isto proporciona à criança "explorar experiências, armazenar informação, ideias e conhecimentos, alargar a memória individual e coletiva" (2000: 83).

Desde a nossa primeira infância, que tudo o que acontece ao nosso redor fica registado no nosso inconsciente. Isto significa que tudo aquilo que vemos, ouvimos e sentimos influi no nosso desenvolvimento e amadurecimento.

Contar histórias é uma competência que a criança adora desde muito cedo e já no jardim-de-infância há muitos momentos de narração, alguns controlados pelos educadores, outros espontâneos. Este é um dos procedimentos onde as crianças mais aderem, pois transpondo para as novas aprendizagens linguísticas uma linguagem maternal, seguem as vias do afeto para a organização do mundo. Narrar exige comunicação e expressão linguísticas e que o uso oral de muitas das categorias informativas, mesmo ficcionais, leva as crianças a dar voz à sua verdadeira linguagem, à sua experiência particular, às suas motivações e interesses.

As crianças que se entregam habitualmente a atividades de narração oral revelam uma maior autoconfiança, sem falar de uma indiscutível capacidade de partilhar com o grupo e de compreender questões sociais. Além disso, denotam uma melhoria significativa no falar e especialmente no inquirir, além de demonstrarem grande à-vontade em expressar linguisticamente relações de causa efeito.

A dramatização dos contos assume uma grande importância e quando feita de forma livre e espontânea, é capaz de desenvolver aspetos como a criatividade e a imaginação na criança e torná-la mais comunicativa o que ajuda, por sua vez, a desenvolver, também, a sua socialização.

É, através do imaginário e da sua relação com o mundo do maravilhoso que a criança cresce efetivamente e ultrapassa muitas vezes situações mais traumáticas que possam ter surgido ao longo da sua vida. O conto atua como um espaço de mediação entre o consciente e o inconsciente, entre a criança e o mundo.

Uma história deve ser contada emocionalmente e não simplesmente apresentado o seu enredo, ela deve ser uma obra aberta, que permite muitas leituras, muitos caminhos, muitas saídas. Desta forma as crianças agem, pensam, sentem, sofrem, alegram-se como se fossem elas próprias os personagens. As histórias assim vividas podem provocar-lhes sentimentos novos e aperfeiçoar outros. Por isso as histórias não devem ser deprimentes. O final deve ser feliz, para transmitir aos ouvintes uma emoção sadia.

O principal na arte de contar histórias é saber despertar a emoção. Quando as crianças nos pedem que lhes contemos histórias é porque sentem necessidade de sair de si mesma, de experimentarem uma nova sensação. Mas porque hoje a sociedade se está a afastar dos valores, e do conceito de família, a escola tem de assumir a missão de educar e o recurso às formas de expressão comportam uma grande importância, sendo um momento privilegiado de animação educativa. No caso da literatura infantil contar uma história é, muito mais que simplesmente ler um livro em voz alta, é explorar com as crianças sentimentos, sobre vários temas e assuntos. É aqui que a animação é fundamental na transformação da mentalidade das crianças, pois esta é um meio de alteração de comportamento e de mentalidade. Na opinião de Cunha (2008a: 98),

> (…) a animação é saber trabalhar em cooperação, é educação que tem como objetivo desenvolver todos os aspetos da personalidade. É prática que se esforça para suscitar a autonomia, a determinação dos indivíduos no seio do grupo, que desenvolve a inteligência, a criatividade a sensibilidade e pode contribuir para a compreensão da sociedade multicultural em que vivemos.

A animação das histórias através da expressão dramática e corporal com intencionalidade comunicativa e representativa são recursos de grande importância para o desenvolvimento da criança. É que na opinião de Cunha (2008b: 54),

> (…) a formação do ser não pode ser ensinada de forma direta, mas com recurso a determinadas formas de expressão. Formas das quais se destaca a expressão dramática, que ao nível da educação pode ser vista como atividade lúdica que oferece o mesmo prazer que um jogo com grande importância no desenvolvimento da personalidade, como representação simbólica da realidade ou como criação com referencia à imaginação criativa e á capacidade de imaginar.

Através da expressão dramática, meio valioso e complementar de educação que "tem uma amplitude de ação que abrange todos os aspetos importantes do desenvolvimento da criança e é fundamental em todos os estádios da educação". Cunha (2008a: 53), as crianças jogam, representam determinadas atitudes e estados de alma, através da sua ação e movimento, abrem-se à imaginação à criatividade e à espontaneidade. Esta forma de animação é uma prática que põe em ação a totalidade da pessoa, favorece, através de atividades lúdicas, uma aprendizagem transversal (cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética) e facilita o desenvolvimento holístico do indivíduo. É, portanto, uma oportunidade singular, de aprofundamento e de incentivo à sua criatividade, um dispositivo de apoio para o desenvolvimento integral da criança. Ajudar as crianças a serem independentes/autónomas, criativas, expressivas, autoafirmativas, assertivas, desinibidas, comunicativas, capazes de tomar decisões, saberem resolver problemas, em suma, a serem autorreguladas e autocontroladas, é de facto um dos objetivos da expressão dramática e deverá ser a maior prioridade educacional.

Em rigor, a Expressão Dramática, é uma forma de expressão humana, ao potenciar a comunicação, a desinibição, a autoconfiança, a capacidade de resolver problemas interpessoais, a autonomia, a cooperação, a assertividade. De facto, a Expressão Dramática, tendo em consideração os aspetos afetivos/sociais, cognitivo/linguísticos e psicomotores de desenvolvimento, perspetiva-se como um instrumento de atualização e potenciação das aptidões sociais. Tendo em conta, igualmente, comportamentos verbais e não-verbais, encerra os componentes fundamentais das competências sociais.

É uma prática que põe em ação a totalidade da pessoa, favorecendo, através de atividades lúdicas, o desenvolvimento e uma aprendizagem global (cognitiva, afetiva, sensorial, motora, estética) e são os educadores que a fomentam e assumem como " um importante instrumento didático, uma vez que a sua ação se centra no processo e não no produto final, o que a torna num meio eficaz de intervenção socioeducativo" Cunha (2008b:58). Para Miranda Santos, (1972: 314-315)

> A expressividade da pessoa humana implica o corpo como condição da tradução dessa expressividade; implica o enquadramento ambiental como possibilidade de diálogo existencial na personalidade estruturada e amadurecida e na personalidade em estruturação e amadurecimento progressivo.

Nesse sentido, ela partilha das intenções da finalidade geral da educação que é o desenvolvimento global da personalidade, porém todas as outras disciplinas curriculares podem potenciar ou fomentar as capacidades sociais dos indivíduos.

3.3. O PAPEL DO EDUCADOR NO ATO DE PREPARAR E CONTAR HISTÓRIAS

Ao educador, cabe um papel fundamental na educação do gosto e da sensibilidade da criança. E nesse sentido ele deverá contribuir, decisivamente, para que a criança cresça seduzida pela estética das coisas, especialmente pela estética das palavras. Deve assumir a educação como um compromisso, a fim de " estimular no formando capacidades que lhe confiram uma aprendizagem relevante, entendida esta como a reconstrução crítica da sua forma de pensar, sentir e atuar, bem como ajudá-lo a construir uma serie de competências" Cunha (2008a: 67). No contar de histórias o papel de educador assume toda a importância. Se a leitura for trabalhada de uma forma diferente pelos educadores, transformando-a em momentos agradáveis, nutridos de motivação e curiosidade, teremos uma prática transformadora e a leitura tornar-se-á imprescindível. Contar histórias lidas, ouvidas, imaginadas, ou histórias de contos de fada, são uma forma de comunicação que sempre estiveram presentes na vida e na lembrança de qualquer pessoa. Abramovich (1989:16) salienta que "é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo".

O ato de contar histórias é próprio do ser humano, e o educador pode apropriar-se dessa característica e transformar o contar de histórias num importantíssimo recurso de formação do leitor. Deve, por isso, ser um bom contador de histórias e ter capacidade de criar laços afetivos entre a criança e o livro na medida em que o livro, para a criança, é uma espécie de paraíso das histórias. Este exercício possibilita debater importantes aspetos do dia a dia das crianças.

Contar histórias é também uma forma de ensinar temas éticos e de cidadania e de propiciar um mundo imaginário que encanta a criança. Ao abrir o livro e retirar dele, perante os olhos e ouvidos atentos da criança as história que fascinam, o educador está a dar a esse objeto o estatuto de brinquedo especial. No livro estão todos os mistérios, todos os sonhos. A criança irá, assim, passar a encarar o livro com afeto e

carinho. Os educadores devem assumir responsabilidade diante da importância da leitura para a vida individual, social e cultural do educando. A escola deve valorizar o livro, não como algo para ser guardado na estante, mas para ser lido. “ A aquisição de interesses e de hábitos de leitura consistentes é um processo continuo, que se inicia em casa e que de ser reforçado na escola” Santos (2000:79). Desta forma o educador para além de contribuir para um desenvolvimento harmonioso contribui em grande parte para a aquisição e aperfeiçoamento de algumas competências pedagógicas, sobretudo no campo da comunicação oral e na iniciação à leitura e à escrita.

Quando o ser humano experimenta a leitura, ele executa um ato de compreender o mundo, pois ler é, antes de tudo, compreender, e compreender é ser. Portanto, ler o mundo é assumir-se como sujeito da própria história. É ter consciência dos processos que interferem na sua existência como ser social. Fazer nascer e manter o interesse pela leitura, passa também pelo recurso a vários meios e nesse sentido o educador deve promover constantemente ações e iniciativas dirigidas à criança. Deve portanto, dispor de estruturas, recursos materiais e humanos adequados ao desafio.

> Na busca constante para formar cidadãos justos, solidários, livres e responsáveis, o educador/professor tem de ser essencialmente facilitador e organizador de atividades, desenvolver nas suas práticas de ensino individualizado, um trabalho cooperativo, onde as diferentes expressões sejam valorizadas (Cunha 2008a: 73).

Este trabalho permite ao educador apresentar à criança determinadas questões, valorizando, assim, o espírito critico, o raciocínio, a criatividade e a espontaneidade, sobretudo como forma de incentivar o diálogo permanente com a criança. Cabe ao educador cabe também a tarefa de estar atento na escolha da história adequada à idade das crianças, assim como aos recursos que vai utilizar. Assim, os livros próprios para os primeiros anos de infância são aqueles em que a imagem ocupa quase a totalidade do espaço, e nos quais a história é muito simples. Proporcionando associações à experiencia pessoal da criança.

Uma bela história deve encantar, tal como acontece com um belo quadro. Cumpre ao educador perceber que simplesmente contar não basta, é preciso acreditar também. As histórias devem ser contadas e não lidas, o que permite uma maior flexibilidade, e devem sempre envolver emoção proporcionando à criança uma viagem pelo fantástico. Um dos aspetos mais importantes do contar histórias, é a descrição metafórica das vozes, o uso da voz é sem dúvida o instrumento mais importante, pois

permite dar vida às próprias personagens e despertar emoções, para isso o educador deve preparar muito bem cada história.

O contar de histórias é uma janela que se abre para despertar o gosto pela leitura e todo o educador tem dentro de si um contador de histórias, apenas precisa encontrá-lo e aprimorá-lo. Contar histórias sempre foi e sempre será importante, pois é uma forma de incorporar a arte à vida e encarar os livros como fonte de prazer. As crianças que melhor leem são as que se habituaram a ouvir histórias, contadas ou lidas desde tenra idade. Estas crescem animadas pelo desejo de ler e estarão, seguramente, mais aptas a adquirir atos e hábitos de leitura no futuro. Para isso, os educadores devem trabalhar diariamente com a literatura, pois é através dela que a criança sente, vive e descobre emoções que nem sempre podem ser experimentadas na realidade. A literatura é a ponte entre o real e o imaginário, as histórias auxiliam as crianças na elaboração de seus sentimentos, já que as emoções gozadas por meio das narrativas preparam-nas para vivenciarem essas emoções no mundo real, de forma mais racional e equilibrada. A literatura suscita o imaginário, encanta e deleita o espírito. Portanto, além do educador promover a recuperação das narrativas populares, o contar de histórias assume a responsabilidade de transmitir a memória coletiva.

4. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DO ESTÁGIO

Este capítulo destina-se à explicitação dos objetivos e opções metodológicas empreendidas no âmbito do estágio. Explicitando o porquê das escolhas feitas, e a estratégia metodológica adotada.

Primeiramente, serão enunciados os objetivos da intervenção, os recursos mobilizados e limitações do processo. Seguir-se-á a descrição, discussão e avaliação das práticas educativas realizadas no âmbito do estágio onde se explicitarão as atividades e técnicas utilizadas, assim como a avaliação das aprendizagens referentes às atividades.

4.1. OS OBJETIVOS DA INTERVENÇÃO

Os objetivos constituem a finalidade de um trabalho científico, ou seja, a meta que se pretende atingir com a elaboração da pesquisa. São eles que indicam o que um pesquisador realmente deseja fazer, " (…) a sua função é orientar a seleção e organização dos procedimentos, permitir uma melhor avaliação dos resultados e dar a conhecer o que se espera alcançar com a investigação" (Cunha, 2009: 44).

A sua definição clara ajuda em muito na tomada de decisões quanto aos aspetos metodológicos da pesquisa, sendo estes realistas e claros.

Podemos distinguir dois tipos de objetivos num trabalho científico: os objetivos gerais e os objetivos específicos. Como o próprio nome diz, os objetivos gerais são mais amplos, sendo elementos a considerar no momento em que se planeia o projeto com vista à mudança. Os objetivos gerais são alvos de maior abrangência aos quais o projeto pretende dar uma contribuição e relacionam-se com os impactos possíveis, a partir da utilização dos resultados do projeto. São eles que respondem à pergunta: "Para que?".

Os objetivos específicos são alvos concretos que se busca alcançar no âmbito do projeto. Portanto, cada objetivo específico deve ter uma clara correspondência com os resultados esperados. Os objetivos específicos respondem à pergunta: "O que" o projeto deseja alcançar?

Para se cumprirem os objetivos gerais é preciso delimitar objetivos específicos dentro do trabalho. São eles que, somados, conduzirão ao desfecho do objetivo geral. Assim sendo, com o intuito de facilitar a perceção dos objetivos (gerais e específicos)

e a compreensão dos motivos que os justificam enunciamos, abaixo, os objetivos que nos moviam.

Objetivos gerais

- Promover a transmissão de sentimentos e valores morais;
- Ampliar e enriquecer as aprendizagens.

Objetivos específicos

- Desenvolver a imaginação;
- Estimular o pensamento divergente;
- Estimular a criatividade e a capacidade critica;
- Criar e fortalecer hábitos de leitura;
- Potenciar uma maior experiência com a linguagem e domínio de vocabulário.
- Educar sentimentos e valores refletidos em atitudes e afetos.

4.2. RECURSOS MOBILIZADOS E LIMITAÇÕES DO PROCESSO

No decurso do nosso estágio, implementamos algumas atividades com o objetivo de desenvolver o gosto pela leitura e o desenvolvimento de competências linguísticas, assim como sentimentos e valores. Estas atividades foram planeadas de acordo com as necessidades do grupo, mobilizando os recursos existentes no jardim-de-infância. Todas as atividades foram planeadas com objetivo de desenvolver nas crianças competências. Desta forma, as atividades realizadas incidiram nas intenções educativas tais como, a adequação ao grupo, a previsão de experiências e de situações que proporcionem a otimização da aprendizagem e ainda a organização de recursos humanos e de materiais essenciais à realização das atividades, organizando-as segundo as necessidades biológicas, psicológicas, sociais e históricas de cada uma das crianças. Assim, procurámos planificar atividades que proporcionassem às crianças o diálogo, a brincadeira, o convívio e o bem-estar.

Para o efeito, recorremos à narração, dramatização, a diversos jogos, e saídas da escola.

Com intuito de obter êxito, algumas atividades foram formalizadas, seguindo critérios como:

- **Seleção de histórias** – As histórias eram selecionadas cuidadosamente, evitando preconceito ou moralismo e o repertório era formado por diferentes histórias, populares ou autorais, escolhidas entre os diversos géneros literários, como o conto, as fábulas, os mitos, e as lendas.

- **Preparação da história e recursos** - Após a seleção da história, é importante prepará-la para contar às crianças, assim como recolher todos os materiais necessários. Isso significa estudá-la, observando seus detalhes, compreendendo as partes que a constituem (introdução, desenvolvimento, e desfecho), para transmiti-la com propriedade ao ouvinte.

No entanto ao longo do processo deparamo-nos com algumas limitações, de materiais visto que no jardim-de-infância onde decorreu o nosso estágio não existia o projetor multimédia, sendo necessário requisitá-lo no CIFOP. Outra das limitações foi o espaço disponível para a narração de histórias com o auxílio do projetor multimédia, pois a sala de atividades assim como a sala polivalente são demasiado expostas à luz natural para realizar esta atividade, sendo necessário recorrer a uma sala de dimensões reduzidas destinada à receção dos encarregados de educação.

De realçar ainda que a nossa experiência no início do ano letivo era escassa, o que levou a que prolongássemos o nosso tempo de adaptação às crianças, bem como o aprendermos a planificar.

4.3 DESCRIÇÃO, DISCUSSÃO E AVALIAÇÃO DAS PRÁTICAS EDUCATIVAS REALIZADAS NO ÂMBITO DO ESTÁGIO

Muitos são os motivos que nos levam a contar histórias: o clima de alegria e interesse que elas despertam. Vários também são seus objetivos, como: formar o gosto pela leitura, divertir e estimular o desenvolvimento da imaginação, atenção, observação, memória e reflexão.

Ouvir histórias leva às crianças a perceberem as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Com essa prática, constatamos que não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura, mas também a experiência indireta do mundo. Contar histórias para nós durante o nosso estágio passou a ser compreendido como uma possibilidade bastante rica de estratégia, estabelecendo linhas muito mais positivas na ação educativa, ajudando a desmistificar a relação leitor e livro e proporcionando momentos agradáveis de prazer e alegria no contato com o mundo mágico da literatura. Acreditamos por isso na importância do faz-de-conta, da fantasia, do encantamento da hora do conto para o desenvolvimento da criança. Os contos como afirma Albuquerque (2000: 27), "para além de permitirem à criança que através da efabulação encontre respostas aos seus 'problemas' individuais, proporcionam pela sua estrutura e forma, imagens sobre as quais a criança pode direcionar a sua vida.

Alguns exemplos de histórias contadas durante a nossa prática foram, *O sapo apaixonado, a chegada da primavera, e o rato dentolas.*

O sapo apaixonado

Esta história foi contada, oralmente, com a ajuda de um projetor multimédia, isto porque, além de ser um método diferente de nos apoiarmos no contar da história, "a imagem pode, (…) ser sempre ponto de chegada ou de partida, permitindo, através da sua sequência, uma organização temporal à medida que a criança vai interiorizando a história no seu tempo e no seu espaço" (Silva, 1991: 37). Além disso, a imagem estimula sempre a curiosidade da criança, tanto para o seu mundo como para experiências ainda desconhecidas. Desta forma, como é afirmado no autor acima referido, "há quem defenda que a leitura da imagem funciona como uma pré-aprendizagem da leitura e da escrita, pois dá bases para a construção de esquemas de leitura, exigindo um exercício intelectual de análise e síntese que estrutura gradualmente a compreensão".

À medida que íamos contando a história, íamos mostrando as imagens correspondentes. De seguida, fizemos o habitual jogo das perguntas sobre a história.

Com esta história, os nossos objetivos incidiam-se então, sobretudo, em que prestassem atenção à história e ao que ela lhes transmitia. Desta forma, através deste conto trabalhámos sobretudo a área de formação pessoal e social.

O Sapo Apaixonado, é uma história que consta do Plano Nacional de Leitura. Fala de um Sapo Verde que se apaixona por uma Pata Branca e que não tem coragem de assumir os seus sentimentos. Alguns dos seus amigos acham estranhíssimo que um sapo verde se apaixone por uma pata de outra cor. É um livro maravilhoso que aborda questões como o respeito pela diferença, a discriminação, o respeito pelo sentimento dos outros e a importância de falar sobre os mesmos. Assinala também a importância da amizade e principalmente de que "o Amor não tem barreiras".

É um livro apropriado para promover o relacionamento interpessoal de forma a evidenciar os afetos: carinho, simpatia, espírito de interajuda, amor, amizade, solidariedade, etc., assim como promover a comunicação e a expressão de sentimentos.

Porque estivemos no mês em que se celebra o dia dos namorados, considerámos esta uma excelente forma de se integrarem os sentimentos na hora do conto.

Depois da visualização das imagens em conjunto com a narração da história, iniciamos o jogo de perguntas sobre a mesma. Durante o jogo foram surgindo questões muito interessantes por parte das crianças, em relação aos sentimentos e afetos, onde as crianças não entendiam muito bem o fato de um sapo verde se apaixonar por uma pata branca.

Para além de serem de cores diferentes, quase todas as crianças puseram a questão de ser um sapo e uma pata e achando um relacionamento impossível. Após o levantamento desta questão por parte das crianças decidimos colocar a algumas questões a todas elas: o que é estar apaixonado? Quais as formas que a paixão e/ou os afetos podem mostrar? Atentamente ouvimos as respostas, quase todas as crianças falavam que estar apaixonado é gostar muito de alguém, e que isso se demonstra com beijinhos abraços e carinhos. Sendo que muitas crianças davam os exemplos dos pais ou de outros familiares.

Depois destas respostas, percebemos que as crianças só não compreendiam porque um sapo se apaixonaria por uma pata, se são animais diferentes. E pusemos a questão: porque não pode um sapo se apaixonar por uma pata? Não podemos gostar de

pessoas que são diferentes de nós? A maior parte delas respondeu que sim, que temos e devemos gostar todos uns dos outros. Todas as crianças deram a sua opinião e gerou-se um debate muito interessante entre todas.

Por último, todas as crianças chegaram a conclusão que no fundo, todos nós podemos estar apaixonados, apesar das diferenças, tal como o Sapo que é verde e a Pata que é branca!

Face ao exposto, podemos afirmar que, nesta história, as competências desenvolvidas com as ações foram:

- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Promover a comunicação e a expressão de sentimentos;
- Estimular a reflexão sobre variados temas: emoções, respeito, amizade…
- Identificar na história as diversas emoções;
- Identificar as personagens principais e secundárias;
- Caracterizar física e psicologicamente as personagens;
- Identificar o (s) contexto (s) em que decorre a ação;
- Caracterizar os locais e ambientes em que decorre a ação;
- Elaborar finais alternativos;

A chegada da primavera

Esta história retrata a maldade de uma bruxa que quer acabar com a primavera fazendo um feitiço a fada da primavera impedindo-a de organizar a chegada da primavera, mas o Sr. Cogumelo apercebe-se do que algo está errado, pois a primavera não dá sinais da sua chegada e alerta a fada da primavera, está procura descobrir o que de errado aconteceu e procura o Sr. Feiticeiro, descobrindo que foi a bruxa má da floresta que lançou um feitiço a fada com a ajuda dos seus amigos tenta reverter o que a bruxa havia feito. Esta história foi dramatizada com fantoches. Como refere Cunha (2008b: 61) " (…) o fantoche, primeiro suporte da expressão dramática, é uma estratégia importante"

À medida que íamos lendo a história, havia partes em que as crianças tinham que chamar pela fada ou por outra personagem da história criando assim uma interação com as crianças para tornar a história mais apelativa.com esta história pretendíamos essencialmente incutir nas crianças o sentido de responsabilidade, amizade e a

entreajuda, acabando o grupo por dar exemplos que aconteciam na sala e que teriam que ser trabalhados.

Todo o grupo esteve atento à história e participou oralmente de uma forma clara, fazendo perguntas e observações comportamento de cada personagem. O conto de expressão oral e com recurso a fantoches, tanto tem o objetivo de divertir a criança como de desenvolver a sua imaginação, embora pondo-a em contacto com problemas reais.

No final da história as crianças quiseram manusear os fantoches e elas próprias darem asas a imaginação e criar pequenas histórias.

Podemos então, afirmar que, nesta história, as competências desenvolvidas com as ações foram:

- Desenvolver o gosto pela leitura;
- Promover a comunicação e a expressão de sentimentos;
- Estimular o sentido de responsabilidade;
- Promover a amizade e o esprito de interajuda;
- Identificar as personagens principais e secundárias;
- Promover o contato com a dramatização,

O rato dentolas

Esta história foi contada em grande grupo com o suporte de um livro. Primeiro lemos o texto e só depois mostramos as imagens com o objetivo de as crianças desenvolverem a sua imaginação e posteriormente "compararem" com as respetivas imagens.

Esta história consiste num rato, que descre na primeira pessoa a sua casa, e o fato de viver num buraco pequeno com a sua família. Certo dia este tem a ideia de mudar de casa, para uma que fosse limpinha e branca, e foi contar aos seus pais, estes propuseram-lhe várias ideias, como construir uma casa de papel, ou algodão, mas nenhuma delas agradou o ratinho por não serem seguras. Foi então que teve uma ideia, pedir aos meninos de todo o mundo que quando lhes caísse um dente o metessem debaixo da almofada pois ele era muito tímido.

Se todas as crianças deixassem os seus dentes debaixo da almofada, ele retribuiria com uma surpresa, mas só se os dentes estivessem bem tratados e limpos.

Esta história foi o ponto de partida para abordar e promover a Higiene Oral dos meninos da sala. Após a leitura da história todos se quiseram comprometer a tratar bem os seus dentes para deixa-los debaixo da almofada para o rato dentolas.

Assim surgiu um pequeno debate sobre a higiene oral que cada um tinha, algumas crianças referiram o fato de que os doces em excesso são terríveis para os dentinhos, que não lavar os dentes é errado e que podem ficar sujos e feios. Esta história teve também como objetivo abordar a queda dos dentes, desdramatizando assim qualquer medo que possa existir na criança.

É importante alertar pais e crianças para uma escovagem diária dos dentes tanto de manhã como à noite. Assim, e em concordância com as crianças decidimos criar uma tabela que as crianças iriam levar para casa, para poderem registar a higiene que tinham com os seus dentes.

Tentamos assim, estimular hábitos de higiene oral que os vão acompanhar para toda a vida, por isso, quanto mais cedo começarem melhor.

Podemos então, afirmar que, nesta história, as competências desenvolvidas com as ações foram:

- Desenvolver a autonomia;
- Promover o debate;
- Estimular o sentido de responsabilidade;
- Promover a higiene oral;
- Identificar as personagens principais e secundárias;

No que concerne a avaliação das crianças, podemos referir que durante o estágio, realizámos a avaliação formativa através da observação da realização das diferentes atividades desenvolvidas, cujos registos foram feitos por fotografias, e registos escritos. Ainda houve registos das aprendizagens das crianças através de desenhos e de outros trabalhos elaborados segundo as temáticas, por exemplo, quando era lida uma história, quando era desenvolvida uma atividade ou ainda após um diálogo.

Também no sentido de avaliar formativamente, foi construído um Portefólio, que, para além de apresentar trabalhos das crianças realizados ao longo dos meses que estivemos estágio, apresentava, também, comentários nossos e da Educadora relativos à evolução das crianças e as avaliações realizadas pelas crianças, como, por exemplo, a avaliação do quadro das presenças e dos trabalhos

Relativamente a nossa avaliação esta foi feita semanalmente nas reuniões com a Educadora sempre que possível, em que se faz um breve resumo da semana e uma avaliação desta, e se preparava a semana seguinte.

As atividades planeadas durante o nosso estágio dirigiram-se em grande parte ao nosso tema "a hora do conto", abrangendo todas as áreas de conteúdo. No entanto outras atividades decorreram durante este período, nomeadamente atividades referentes ao eco-escolas, ao projeto Comenius, entre outros.

4.4 AVALIAÇÃO DAS APRENDIZAGENS REALIZADAS

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, que permite uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens. Assim, a avaliação deve informar, valorizar e intervir de modo a realizar reajustamentos contínuos.

Na avaliação das crianças em idade de pré-escolar deve ser tomado em consideração o desenvolvimento do processo de aprendizagem, o seu contexto, bem como a socialização e instrução obtida, sem esquecer a função de estímulo da avaliação.

A hora do conto era, no jardim-de-infância em que estagiámos, uma atividade de rotina. Sendo assim, o nosso trabalho recai nessa atividade.

A leitura de contos proporciona diversas atividades como, por exemplo, desenvolvimento do vocabulário, produção de desenhos, dramatizações e atividades de expressão musical Torna-se apelativo e interessante na medida em que todas as intervenções pensadas, geralmente, partem das necessidades e interesses das crianças. No decorrer deste projeto, pretendemos "promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiencias de vida democrática numa perspetiva de educação para a cidadania." (Ministério da Educação, 2009: 15). O trabalho realizado ao longo do nosso estágio inseriu sobretudo neste ponto, tendo sempre em conta o grupo e as suas necessidades e abrangeu o trabalho de pesquisa, tempos de planificação e intervenção com finalidade de resolver problemas do grupo.

As crianças desenvolveram-se através de um processo de interação social, dependendo das suas capacidades de interagir com o grupo, de partilhar espaços, brincadeiras e materiais, conseguindo respeitar as regras comuns à vida da sociedade. Todavia e porque as histórias desempenham um papel fundamental no fenómeno de vinculação entre crianças e o meio, procura-mos proporcionar um desenvolvimento globalizante, permitindo um maior contacto com a realidade que as rodeia. Ao " estimular o desenvolvimento global da criança no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diferenciadas" (Ministério da Educação, 2009:15), estávamos a reconhecer as possibilidades e capacidades de cada criança, e a promover experiências educativas diversificadas, num contexto de interação com outras e a "desenvolver a expressão e a

comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo" (Ministério da Educação, 2009: 15), pois a expressão e a comunicação são meios de relação e de obtenção de informação, finalidades fundamentais no desenrolar do pré-escolar. É através delas que a criança contacta e interage com os outros, partilha e aprende.

Ao longo do processo as crianças desenvolveram a linguagem oral, sendo esta de suma importância e fundamental para o seu desenvolvimento psicológico, social e cultural, pois é através das relações pessoais que a criança se desenvolve, e tem sua inserção e participação nas práticas sociais. É importante referir que, para além da área expressão e comunicação, o processo também se centrou na área do conhecimento do mundo, onde se trabalhou o tema da água e os problemas da biodiversidade, assim como da alimentação e higiene. Esta área teve muita importância uma vez que as restantes áreas "de certo modo, constituem formas de conhecimento do mundo. Então podemos dizer que "a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é a manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências" (Ministério da Educaçao2009: 79). No entanto, todas as áreas de conteúdo foram abordadas no desenvolvimento das atividades direcionadas para o nosso tema, ou no âmbito de projetos e épocas festivas, embora a área do conhecimento do mundo e a área de formação pessoal e social tivessem maior impacto.

Notou-se uma grande evolução por parte das crianças em todas as áreas abordadas ao longo do nosso estágio, o que contribuiu para o crescimento individual de cada criança.

Área de Formação Pessoal e Social:

Nesta área de conteúdo foi possível observar um grande crescimento por parte do grupo. A maioria das crianças já consegue esperar pela sua vez para falar e levanta o dedo sempre que o deseja fazer. Aprenderam a partilhar os seus sentimentos com os colegas da sala. Comentários como "não gosto de ti" ou "não sou mais tua amiga" com o passar do tempo ocorreram com muito menos frequência.

Nota-se uma grande evolução das crianças nesta área, as crianças estão mais autónomas, mais solidárias e com espírito de interajuda.

Área de Expressão e Comunicação:

- Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita:

A linguagem oral das crianças evoluiu muito, as crianças com problemas de atraso de linguagem também evoluíram. As crianças mais novas já são capazes de se exprimir com bastante clareza.

As crianças de 3 anos começam a reproduzir o seu nome, assim como a iniciar-se nos trabalhos de texto. Esta foi sem dúvida a área mais trabalhada, com atividades de leitura como a hora do conto presente todos os dias, de visitas constantes à biblioteca, nas reuniões diárias, trabalhos de texto, nos projetos e no incentivo da interação das crianças enquanto grupo, a fim de promover a comunicação das crianças, o seu domínio da linguagem, o enriquecimento do vocabulário e a iniciação na escrita.

Domínio das Expressões:

Neste domínio todas as crianças evoluíram. As mais tímidas e introvertidas começaram a expressar-se em público, a cantar, ainda com algumas hesitações mas conseguiram superar os seus medos.

A expressão plástica e a expressão musical, foram as duas em que se notaram grandes evoluções na forma como interpretavam as canções em dias especiais como o natal ou o dia da mãe ou simplesmente em jogos e brincadeiras, onde eram capazes de se expressar. Evoluíram no manuseamento do material e na criatividade, tudo isto proporcionado por atividades diárias que tinham como objetivo um aperfeiçoamento no manuseamento do material, assim como trabalhos temáticos que despertavam a criatividade das crianças.

A expressão dramática também foi desenvolvida. A maioria das crianças conseguia fazer gestos e expressões de acordo com a música, para desenvolver melhor esta área foram feitas algumas atividades relacionadas com a hora do conto, em que as crianças tiveram contacto com a dramatização feita por nós, pelos pais, funcionários do jardim e também por idas ao teatro.

No tocante à expressão motora a motricidade fina foi bem trabalhada. As crianças já não tinham grandes dificuldades para segurar no lápis, na tesoura, entre outros materiais. Relativamente à motricidade global todas as crianças se encontravam desenvolvidas de acordo com a idade, conseguindo andar, correr e saltar. Para este

efeito a partir do segundo período foi introduzido na rotina das crianças sessões de expressão motora que ajudaram em muito a desenvolver a motricidade global.

Domínio da Matemática:

Neste domínio quase todas as crianças desenvolveram competências, conseguindo localizar-se no espaço, reconhecer e nomear figuras geométricas, fazer associações, classificar objetos.

Algumas tinham mais dificuldades do que outras porque também são crianças de diferentes idades, no entanto através de atividades com o mesmo objetivo mas com níveis de dificuldade adequados a cada idade as crianças foram capazes de desenvolver capacidades nesta área. Embora algumas do grupo dos 4 anos tivesse uma evolução um pouco mais lenta.

Área do Conhecimento do Mundo:

Nesta área de conteúdo quase todas as crianças mostraram interesse e curiosidade quanto aos assuntos abordados. A grande maioria do grupo, curioso por natureza, colocou sempre questões sobre vários assuntos do nosso mundo, no que diz respeito ao ambiente e à natureza, até porque fazemos parte do grupo eco-escolas.

Todos os dias existiam atividades que potenciavam a evolução de todos nesta área, nomeadamente a manutenção da horta, a reciclagem com as idas ao ecoponto assim como a separação do lixo, dos lanches, e palestras alusivas ao tema.

É um grupo muito preocupado com o ambiente e com o nosso planeta. Têm o cuidado de aproveitar o material de desperdício em casa, trazendo-o para a escola para depois fazermos trabalhos, e utilizar sempre embalagens que possam ser reutilizadas, como por exemplo os sacos de pano e caixas de cartão.

Nas visitas que fizemos todos se mostraram atentos e interessados nos conhecimentos transmitidos pelos profissionais que nos receberam, adotando uma postura crítica e colocando perguntas para obter respostas a certas questões que ainda persistiam.

Foi também necessário para conhecer as necessidades do grupo elaborar um projeto curricular de grupo, assim, este projeto curricular teve como objetivos gerais a desenvolver e promover a autonomia, o respeito e os cuidados a ter com a natureza, a responsabilidade e o conhecer dos contributos de um bom ambiente para o ser humano, fomentar regras para preservar o ambiente, promover o desenvolvimento da

linguagem oral, fomentar o dialogo e o desejo de comunicar, incentivar a curiosidade e a capacidade de questionar, promover situações que proporcionem o alargamento do vocabulário, alargar as capacidades de compreensão e produção linguística, facilitar a emergência da linguagem escrita, promover a exploração de materiais escritos, desenvolver o pensamento critico, promover o conhecimento do meio, explorar o carácter lúdico da linguagem e desenvolver a curiosidade e o desejo de saber. Em suma

as principais finalidades deste projeto foram o esclarecimento das dúvidas das crianças, realizando projetos de pesquisa, intervindo quando necessário para o desenvolvimento das capacidades das crianças estimulando-as em atividades que menos realizassem no Jardim-de-Infância, adquirindo assim novos conceitos e conhecimentos, sendo incutido nas crianças motivação para todas as áreas de conteúdo e na partilha de conhecimentos. Podendo o projeto qualificar-se como um conjunto de estratégias de concretização, adequadas ao contexto de cada criança, ou seja através dos interesses e necessidades do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegado o momento de tecer algumas considerações finais quanto à relevância da experiência relatada durante este período de estágio.

A envolvência no contexto profissional permitiu-nos, não apenas perceber algumas situações práticas/profissionais onde pudemos aplicar algum do conhecimento teórico adquirido nas etapas formativas anteriores, como também nos possibilitou o desenvolvimento da noção de responsabilidade profissional. A respeito dessa noção balizou-se a relevância do cumprimento de horários e de prazos numa organização, assim como, a importância do desenvolvimento de relações interpessoais com a educadora cooperante, com os colegas de trabalho e sobretudo com as crianças. O precedente conduziu a um amadurecimento profissional, mas também pessoal, na medida em que tomamos conhecimento efetivo de um novo contexto, o contexto profissional que deverá integrar a nossa vida, enquanto pessoa e cidadã, acompanhando a nossa passagem para uma novo patamar, o de sermos Educadora de Infância.

Ao longo deste relatório, apresentámos e explicámos diversas questões referentes à prática educativa e à literatura infantil. Importa no entanto retratar ainda a importância do tema que foi posto em prática, e com o qual se constatou a importância da hora do conto e o papel que isso desempenha na formação e transmissão dos valores à criança.

Os objetivos que nos propúnhamos foram alcançados com êxito, já que as atividades realizadas estimularam a criatividade, a leitura e a melhoria da capacidade oral das crianças.

Terminamos convictos de que este trabalho foi bastante útil para a nossa preparação como futuros profissionais e no percebermos melhor a importância do conto na educação pré-escolar. O reequacionar e pensar novamente todo o processo de aprendizagem permitiu-nos consolidar alguns conhecimentos, renovar e enriquecer os mesmos, durante todas estas sucessivas etapas, tendo sempre em conta a sensibilidade necessária para percebermos que o futuro da humanidade depende da maneira como formamos e educamos as crianças que nos são confiadas.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVICH, Fanny (1989). *Literatura infantil: Gostosuras e bobices.* São Paulo: Scipione.

ALBUQUERQUE, Fátima (2000). *A Hora do Conto*. Lisboa, Teorema.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira & HORN, Maria Graça Sousa (2001). Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In Cármen Craidy&Gládis E. Kaercher, *Educação Infantil para que te quero?* Porto Alegre: Editoras Artes Médicas. Pp.74

BASSEDAS, Eulália, HUGUET Teresa & SOLÉ Isabel (1999). *Aprender e ensinar na Educação Infantil*. Portalegre: Artmed.

CARDONA, Maria João (1992). A Organização do Espaço e do Tempo na Sala de Jardim de Infância. In *Cadernos de Educação de Infância* nº24, Publicação Trimestral, Lisboa: Edição APEI.

CUNHA, Maria José Santos (2008a). *Animação, desenvolvimento pessoal e social, formação e práticas teatrais*. Chaves: Ousadias.

CUNHA, Maria José Santos (2008b). Expressão Dramática na educação. Braga: Edições AAPPACDM.

CUNHA, Maria José Santos (2009). *Investigação científica*. *Os passos da pesquisa científica no âmbito das ciências sociais e humanas*. Chaves: Ousadias.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Júlia (org.) (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de Participação.* 3ª Edição actualizada. Porto: Porto Editora.

FORNEIRO, Lina Iglesias (1998). A Organização dos Espaços na Educação Infantil. In Miguel A. Zabalza. *Qualidade em Educação de Infância,* pp. 229 – 281. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

LOBO, Miquelina Saraiva (1988). Uma concepção de espaço no Jardim – de – Infância. In *Cadernos da Educação de Infância* nº5, Publicação Trimestral. Lisboa: Edição APEI.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – Departamento de Educação Básica (2009). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. 4ª edição. Lisboa: Ministério da Educação.

MONTENEGRO, Alira (1963). João de Deus e os Jardins – Escolas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano IV, nºs 1-2, pp: 117- 146.

MIRANDA SANTOS, Á. (1972). *Expressividade e Personalidade. Um século de Psicologia*. Coimbra: Atlântida Editora.

SACRISTÁN, J. Gimeno (1998). *Aproximação ao Conceito de Currículo. O Currículo – uma Reflexão sobre a Prática*.3ª edição. Porto Alegre: Editora Artes Médicas

SILVA, Eugénia (1995). Maria Montessori. *Cadernos de Infância*, nº 35. Lisboa: Edição APEI.

SANTOS, Elvira Moreira (2000). *Hábitos de leitura, em crianças e adolescentes*. Coimbra Editora: Quarteto.

SILVA, Ângela (1991). Livros para a Infância e suas leituras. In *Cadernos de Educação de Infância* nº 20, Publicação Trimestral, pp. 36-38. Lisboa, Edição APEI.

SPODEK, Bernard & BROWN, Patrícia Clark (1996).Alternativas Curriculares na Educação de Infância: uma Perspectiva Histórica. In Júlia Formosinho (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância.* Porto: Porto Editora. Pp. 14-49.

SPODEK, Bernard e SARACHO, Olívia N. (1998). *O Currículo da Primeira Infância. Ensinando Crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas.

VASCONCELOS, Teresa (Das Orientações Curriculares à Prática Pessoal: o educador como gestor do currículo (2000). In *Cadernos de Educação de Infância* nº55, Publicação Trimestral. Lisboa: Edição APEI.

TRAÇA, Maria Emília (1992). *O fio da memória, do conto popular ao conto para crianças.* 2ªEdição. Porto: Porto Editora.

TRINDADE, Rui (1998). *As Escolas do Ensino Básico como espaços de formação pessoal e social - questões e perspectivas.* Porto: Porto Editora

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Decreto-lei nº 241/2001. D.R. I SÉRIE – A. 201 (30/08/01) – Define o perfil geral de desempenho profissional dos educadores de infância.

Circular nº 17/DSDC/DEPEB/2007, de 2007/10/10

Lei nº 5/97, de 10 de Fevereiro, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar Nº 34

Decreto –Lei 75/2008 Diário da República, 1.ª série — N.º 79 — 22 de Abril de 2008

Decreto-lei nº241/2001, de 30 de Agosto Nº 201

WEBGRAFIA

http://pt.wikipedia.org/wiki/Vila_Real acedido no dia 21/06/2012 às 19:30

APÊNDICES

Apêndice 1

Planificação e avaliação da atividade " o sapo apaixonado"

Áreas de conteúdo	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Atividades/ Estratégias	Recursos
Área de Formação Pessoal e Social **Área de Expressão e Comunicação** **- Domínio da Linguagem oral** **Área do Conhecimento do Mundo**	Desenvolver a atenção e a concentração; Desenvolver as competências sociais; Promover a comunicação e o diálogo; Desenvolver a oralidade; Desenvolver conhecimentos sobre usos e costumes;	Ser capaz de: -Estarem atentos e concentrados; -Educar sentimentos e valores refletidos em atitudes e afetos; - Participar por iniciativa própria; Ser capaz de: - Estabelecer um diálogo; - Exprimir as suas ideias e opiniões; - Expressar-se com clareza e correção; -Criar e fortalecer hábitos de leitura; - Perceber a importância deste dia;	- Leitura e exploração da história "o sapo apaixonado" Inicialmente irei ler a história as crianças em voz alta e pausadamente. - De seguida iremos dialogar sobre o conteúdo da história, e também da importância do Amor.	Materiais: - Computador; -projetor multimédia; Espaço: Sala de atividades <u>Humanos</u> - Crianças; - Educadora; -Assistente Operacional; - Estagiária;

- **Avaliação da atividade inserida na hora do conto " o sapo apaixonado"**

Nesta semana decidi, contar a história o "sapo apaixonado", visto que nos encontrávamos no dia dos namorados. Expus através de um projetor lendo pausadamente e fazendo referência às imagens. Após contar esta história para além das dúvidas e comentários que eu tinha em mente que surgiriam, algumas crianças questionaram sobre o facto de a história falar sobre a paixão de um sapo por uma coelha, o que inesperadamente gerou uma "discussão" sobre o amor e a importância que tinha o facto de ele ser um sapo e ela uma coelha. Perante está situação a conversa inicialmente prevista na planificação estendeu-se a temas como as diferenças entre as pessoas e os animais, e o que é realmente o amor. Foi interessante ver que algumas crianças sobretudo as mais velhas colocaram questões muito pertinentes sobre as pessoas com diferenças, e que também tem direito ao amor, neste âmbito a estratégia inicialmente definida teve que ser ligeiramente alterada visto que o tempo que tinha previsto para esta atividade se teve que prolongar por mais tempo, sendo uma conversa mais abrangente.

Apêndice 2

- **Planificação e avaliação da atividade "a chegada da primavera"**

Áreas de conteúdo	Objetivos Gerais	Objetivos Específicos	Atividades/ Estratégias	Recursos
Área de Formação Pessoal e Social **Área de Expressão e Comunicação** **- Domínio da Linguagem oral** **Área do Conhecimento do Mundo** **Área de Expressão e Comunicação: Domínio da expressão**	Desenvolver a atenção e a concentração; Promover a comunicação e expressão de sentimentos; Promover valores; Promover a comunicação e o diálogo; Desenvolver a oralidade; Desenvolver conhecimentos sobre o meio ambiente; Promover o contato com a expressão dramática;	Ser capaz de: -Estarem atentos e concentrados; -Educar sentimentos e valores refletidos em atitudes e afetos; Desenvolver o espirito de interajuda. - Exprimir as suas ideias e opiniões; -Criar e fortalecer o gosto pelas histórias; - Perceber a importância deste dia para a natureza; Criar: - o gosto pela dramatização; - Oportunidade de contato com	**Leitura e representação da história a chegada da primavera.** Através de fantoches irei contar a história sobre a primavera, a propósito do seu início neste dia. As crianças irão se reunir na sala polivalente, onde eu recorrerei ao biombo existente nessa mesma sala, para contar esta história.	Materiais: -biombo; -fantoches. Espaço: Sala polivalente. Humanos - Crianças; - Educadora; -Assistente Operacional; - Estagiária;

dramática;		fantoches;		

- **Avaliação da atividade**

A atividade a propósito da chegada da primavera, foi o contar de uma história sobre esta estação do ano através da dramatização com fantoches. Foi uma atividade com uma excelente receção por parte das crianças, no final e visto que estas demonstraram uma grande curiosidade em ver e tocar nos fantoches, decidi propor que em grupos de dois fossem dramatizar a sua própria história. As crianças gostaram muito e foi um momento de criatividade e aprendizagem muito interessante.

Assim, A utilização simultânea da dimensão verbal e gestual ganhou aqui o seu pleno significado. Em interação, as crianças desenvolveram pequenas improvisações explorando, globalmente, as suas possibilidades expressivas e utilizando-as para comunicar. Recorri à dramatização como uma forma de linguagem, um meio de expressão e um meio de comunicação que corresponde-se às características e necessidades das crianças.

Apêndice 3

- **Atividade inserida na hora do conto "o rato dentolas"**

Áreas de conteúdo	**Objetivos Gerais**	**Objetivos Específicos**	**Atividades/ Estratégias**	**Recursos**
Área de Formação Pessoal e Social **Área de Expressão e Comunicação** **- Domínio da Linguagem oral** **Área do Conhecimento do Mundo**	Desenvolver a atenção e a concentração; Desenvolver o sentido de responsabilidade; Promover a comunicação e o diálogo; Desenvolver a oralidade; Desenvolver conhecimentos sobre a higiene oral;	Ser capaz de: -Estarem atentos e concentrados; - Aprender a efetuar a sua higiene oral; - Participar por iniciativa própria; Ser capaz de: - Estabelecer um diálogo; - Exprimir as suas ideias e opiniões; Ser capaz de: - Perceber a importância de uma boa higiene oral; - Conhecer alguns dos problemas que advêm da falta de higiene oral.	- Leitura e exploração da história "o rato dentolas**"** Inicialmente irei ler a história as crianças em voz alta e pausadamente. - De seguida iremos dialogar sobre o conteúdo da história, e também da importância da higiene oral.	Materiais: -livro; Espaço: Sala de atividades <u>Humanos</u> - Crianças; - Educadora; -Assistente Operacional; - Estagiária;

- **Avaliação da atividade**

Decidi contar esta história com o auxílio do livro, a fim de abordar e promover a Higiene Oral no Jardim de Infância. É importante alertar pais e crianças para uma escovagem diária dos dentes tanto de manhã como à noite.

Estes hábitos e rotinas vão acompanhá-los para toda a vida, por isso, quanto mais cedo começarem melhor. Muitas vezes as crianças não lavam os dentinhos por não saberem que é necessário e benéfico para a sua saúde oral mas cá estamos nós profissionais de Educação para os ajudar.

É também importante referir os doces em excesso que são terríveis para os dentinhos, por isso, considero que esta história infantil intitulada ” O Rato Dentolas” aborda muito bem essas temáticas, bem como a queda dos dentes, desdramatizando assim qualquer medo que possa existir na criança. As crianças gostaram muito desta história contando as suas próprias experiências, e atitudes na sua higiene oral.

Depois da leitura da história surgiram algumas atividades, assim como, a criação de uma tabela que as crianças levaram para casa para registar a sua higiene oral diária, e a construção de um ratinho em cartão. Foi necessário estar atenta e recetiva às propostas e ideias das crianças, pois a Higiene Oral é um tema que as crianças adoram.